

APONTAMENTOS HISTORICOS.

BIBLIOTHECA BRASILEIRA.

XII.

APONTAMENTOS

HISTORICOS, TOPOGRAPHICOS E DESCRIPTIVOS

DA CIDADE

DE PARANAGUA.

POR

DEMETRIO ACACIO FERNANDES DA CRUZ.



RIO DE JANEIRO.

TYPOGRAPHIA DO DIARIO DO RIO DE JANEIRO

Rua do Rosario n. 84.

1863.

ELECTRONIC BRUSHING

XIX

APPOINTMENT

DEPARTMENT



540.87
896V
1968

DESCRIPÇÃO GERAL DA CIDADE DE PARANAGUÁ, RUAS,
TRAVESSAS E EDIFÍCIOS.

A cidade de Paranaguá está collocada em uma planície; seus edificios são quasi todos de pedra e cal nas paredes principaes, e de estuque nos re-
partimentos internos.

Poucos são os sobrados existentes, mas esses mesmos, apresentando uma frente vistosa e de gosto, são mal divididos.

A maior parte das casas são terreas ou assobradadas, edificadas á moderna, porém dispondo todas de más divisões internas.

Em 1810 contavam-se na cidade sómente 12 moradas de casas de sobrado; em 1845, quarenta e cinco e em 1861, cincoenta e duas.

As ruas pela maior parte são quasi rectas; as antigas resentem-se de curvatina no rumo de nor-

te para sul, assim como as travessas, que as cortam, resentem-se do mesmo mal em sentido contrario, de leste para oeste.

Poucas são as que existem calçadas; e as que existem tem o calçamento pela gramma, que o tem impunemente invadido em consequencia do abandono e deleixo da camara municipal.

O terreno é conformado de um saibro duro, pouco sujeito ás filtrações e por conseguinte enxuto.

Apezar de abandonadas, as ruas conservam-se limpas e sêccas, máo grado as grandes chuvas, que no verão desabam sobre ellas.

Haviam 46 lampeões, pregados em diversos lugares, os quaes, com excepção de 6 que servem para illuminação das fontes, estão guardados no saguão da illustrissima E'essa a razão por que, não havendo lua, permanece a cidade na mais completa escuridão, e todo aquelle que tem necessidade de sahir é obrigado a levar diante de si um criado com uma lanterna.

A cidade, no seu todo, apresenta a figura de um quadrilatero, contando 11 ruas principaes, 8 travessas e 600 predios.

As ruas são designadas pelo nomes de da Praia, Cadêa, Ordem, Ouvidor, Direita, Gambôa, Matriz, Fogo, Misericordia, Boa-Vista e Campo.

As travessas são: de S. Benedicto, Pescadores,

Rosario, Alfandega, Ypiranga, Flôres, Bom Jesus e Conceição.

Os logradouos públicos são apenas tres : Arsenal, Estaleiro e Pelourinho.

Campo ou largo ha só o do Rocio Grande. A rua da Praia fica collocada á margem do Itibiré, é cercada por um cães de pedra e ornada de muitos armazens importantes, e vai terminar pouco além do collegio dos antigos jesuitas.

A rua da Cadêa principia proxima á portaria do collegio e vai terminar com a da Ordem, que é o seu seguimento na ribanceira denominada do Estaleiro. No seu prolongamento ficam o collegio, camara municipal e o antigo edificio, que em 1820 denominava-se Casa da fundição do ouro e finalmente a igreja de S. Francisco das Chagas.

A do Ouvidor atravessa a cidade paralella a da Cadêa pelos fundos da qual fica collocada, principia, na fonte do Doutor e termina nos fundos da igreja da Ordem Terceira.

A Direita começa no largo da Matriz e acaba em frente á capella do Senhor Bom Jesus dos Perdões, é uma das mais espaçosas, porém em completa antithese com o seu nome.

A da Gambôa, vulgo da Fonte, principia no largo da Matriz e acaba em frente á igreja de S. Benedicto ; é recta, comprida e a mais larga de todas.

A Baixa começa na face esquerda do largo da Matriz e finda nas margens do Itibiré.

A da Matriz principia abaixo do rio e morre no largo, em que está collocada a igreja.

A do Fogo foi a primeira e mais antiga, que se fez na cidade e é ao presente a menos frequentada.

A da Misericordia é igualmente uma das mais antigas e mais rectas, principia ao lado da sacristia da Matriz e finalisa ao lado do hospital da Misericordia.

A da Boa Viagem começa ao lado da Ordem Terceira e segue rectamente até uma pequena ribanceira; pelo correr do tempo transpôla-ha para estender-se na planicie, que vai ao mar.

O Campo tem origem no lugar denominado Valla e vai terminar na estrada do Rocio Pequeno.

A travessa de S. Benedicto principia beira mar e acaba no Campo Grande.

A dos Pescadores principia e acaba no mesmo lugar.

A da Alfandega tem a mesma origem, porém acaba no mesmo largo da Alfandega.

A do Ypiranga principia junto á praça e termina na estrada do caminho do Rocio Pequeno.

A das Flores principia no fim da rua da Cadêa e vai sahir ao Alto.

A do Bom Jesus principia no cáes da Praia e finalisa na rua da Misericordia.

A da Conceição principia a um lado da Ordem Terceira e vai ter ao Alto.

Dos logradouros publicos, o Arsenal tem 50 braças de frente sobre 25 de fundo.

O Estaleiro tem 250 palmos de frente sobre 226 de fundo.

O Pelourinho tem 335 de frente sobre 216 de fundo. Neste largo, abaixo do barranco da rua da Cadêa em terreno plano e fronteiro ao cáes, foi posto o Pelourinho, feito de uma grande pedra de cantaria lavrada e oitavada, posta sobre quatro degráos e na sua base exterior deram-lhe por allegoria um cutelio de bronze.

O Campo do Rocio Grande tem mais de 50 braças quadradas em terreno plano e direito, tape-tado de verde relva e orlado de mato alto.

A um lado deste campo está edificada uma boa e abundante fonte de agua potavel toda de cantaria, com tres bicas, a qual foi pela ultima vez reedificada em 1831.

Além desta fonte ha a chamada de Cima e a easa da polvora com um pequeno quartel mais afastado, a qual foi feita em 1828 por ordem da junta da fazenda de S. Paulo, de accordo com o governador, coronel João Francisco Bellegarde.

Ao presente tanto o quartel como a casa da polvora estão em completa ruina.

A cidade é dividida em dous districtos e 32 quarteirões, pertencendo ao primeiro 20 e ao segundo 12. O primeiro ou o da cidade se divide em quatro partes a saber : norte, centro, sul, e Rocio Grande e Pequeno.

Nestes quatro districtos contavam-se em 1850 sete mil habitantes.

Os outros districtos são o da costeira do Rocio ao Embuguassu, o do rio Bucuhy o do ribeirão e ilha do Foral, o do rio das Pedras e ilha do Teixeira, o da costeira de Pessapura, sacco da Tamborotaca, ilhas da Cutinga, Rasa e Seca, rio Itaguari, e ilhas Valadares, rio dos Almeidas, dos Corrêas, Grande do Grogussu e suas ramificações, Macieis e sua costeira, Barra do Sul e rio Peruipe e finalmente o da ilha do Mel.

O 2º districto de Guareksava divide-se em 12 quarteirões : o 1º, comprehende a ilha das Peças, costa do Guamandituba, rio das Lorangeiras, Sambaqui e Pescados ; o 2º, rios do Poruqueira, Mai Luiza, costa da Bertioga, Superaguy e Varadouro Velho ; o 3º, comprehende os rios Real, da Paciencia, Segredo, Varadouro, Sebuhy e Bareguy ; o 4º, os rios do Circo Grande, Cerquinho, costeira do morro de Guareksava e Retiro ; o 5º, os rios Guareksava, Morato do Pavuna, das Canoas, das

Palmeiras e Pirassinunga ; 6º, o morro do Trimomó, barra da Serra Negra, rios Serrão, Assenguy; o 7º, rio da Serra Negra; o 8º, rio de Tagasaba; o 9º, rio Borrachudo, Boa Vista, ilha do Benito; o 1º, rio Itaqui; o 11, rio Massarapoan e as ilhas Rasa Grande e Gamellas; o 12, rios Madeiras, Retiro e costeira da bahia até a ponta do pasto.

A população delles em 1850 era de 14,996 habitantes, dos quaes 12,886 livres e 2,110 captivos.

Os contornos da cidade estão situados nos terrenos pertencentes á camara municipal e constam de duas divisões, a saber : Rocio Grande e Rocio Pequeno. Para o primeiro vai-se pelo lugar denominado Alto, no centro do qual fica a sua entrada. Para o segundo, principia a sua estrada logo adiante da Fonte Velha : uma e outra de suas orlas são cercadas de arvoredos, que com qualquer tempo permittem aos viajantes abrigo contra os raios do sol, ás vezes de uma intensidade esmagadora.

Historico da igreja Matriz.—A igreja matriz de Paranaguá está sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario, que é a padroeira da cidade. Sua fundação data de remota antiguidade.

Suppõe-se que fôra erecta pelo decurso do

anno de 1560, por occasião de ter lugar a transmigração dos povos da Cananéa para esta cidade.

Não deixam de ter fundamento aquelles que pensam por essa fórma, porque antigamente era o primeiro cuidado dos povos a edificação de uma igreja nos lugares de sua residencia; accresce ainda a este raciocinio que já em 1578 se trabalhava com afinco nas minas de ouro de Paranaguá; ora, se os povoadores da Cananéa juntavam-se aos mineiros e exploradores vindos das mais capitães, tornando por conseguinte crescente e palmar o augmento da população; se todos elles christãos e religiosos não podiam prescindir de uma igreja e um parochó, é evidente que a factura da igreja devia de ter tido lugar por essa mesma época.

O que é verdade, é que já em 1661 fôra a igreja reparada pelos esforços da camara municipal, que por seu edital de 1º de Outubro do dito anno, concitava os povos a concorrerem com esmolas para semelhante fim.

Isto posto, da maneira por que eram feitas as obras na antiguidade, e com o cuidado que nesses remotos tempos empregavam na escolha dos materiaes, forçoso é dar-se-lhe pelo menos de 80 a 100 annos de existencia, os quaes, deduzidos de 1661, nos lega em resultado 1561, que não hesitamos affirmar tive-se sido a época precisa de sua fundação.

A segunda reparação teve lugar entre o espaço que mediou aos annos de 1723 a 1733, como se deprehende das representações feitas pela camara municipal a el-rei, pedindo-lhe mandasse que as despesas feitas com os reparos corressem pelos cofres reaes.

Em 1741 mandou a camara fazer-lhe alguns reparos e forra-la; esta obra foi feita por arrematação, sendo o seu empreiteiro João da Silva.

Em 24 de Janeiro de 1804 o vigario Joaquim Julio da Ressurreição Leal requereu ao Ouvidor, mostrando a urgencia que havia de um caibramento geral no corpo da igreja; esta obra teve lugar entre os annos de 1805 a 1806.

Em 1839 foi reedificada a capella-mór com o auxilio de 1:000\$, que para tal fim mandou a assembléa provincial dispôr pela sua autorisação de 21 de Dezembro de 1838.

Com esta obra despendeu-se 993\$980, como se vê da conta junta ao officio de 21 de Setembro de 1839, mandado pela camara ao presidente.

A camara, em virtude de ordens da presidencia, de 28 de Abril de 1838, orçou toda a despesa com os reparos geraes da igreja em 5:200\$.

Sendo a consignação da assembléa de 1:000\$, impossivel era realizar-se semelhante obra.

A camara, para que a obra não parasse, e ainda lhe faltasse concertar o pavimento e altares late-

raes, contrahio um emprestimo de 960\$ com varios cidadãos, que o deram sem juros; deliberação esta que ella julgou dever levar ao conhecimento da presidencia em o seu officio de Novembro de 1841.

A assembléa pôz mais á disposição da camara a quantia de 600\$ para continuação dos mesmos reparos.

Ultimamente a assembléa poz mais 1.000\$ á disposição para as novas obras e a presidencia designou uma commissão para presidi-la.

Tendo-se esgotado aquella quantia e mais as esmolas dos fieis, agenciadas por mais de uma vez pelos tres membros da commissão, parou definitivamente a obra.

II.

DAS IRMANDADES.

Ao certo ninguem hoje poderá precisar a era da instituição da irmandade do Santissimo Sacramento; porque nenhum documento comprobatorio existe, que possa orientar o homem indagador em suas investigações.

Presume-se, com algum fundamento, que tivesse tido lugar pelo decurso do anno de 1648.

No livro dos compromissos da irmandade se acha registrada a provisão de 9 de Maio de 1732, expedida pelo bispo do Rio de Janeiro, D. frei Antonio da Guadalupe, approvando seus estatutos.

Estes estatutos por sem duvida não eram os primitivos; pois se evidencia que o primeiro livro desta irmandade foi rubricado em 5 de Março de 1703 pelo visitador Gaspar Gonçalves de Araujo;

e ainda mais, que pela acta de suas sessões de 17 de Abril de 1711 se conhece que já a este tempo contava ella 188 irmãos e 7 padres.

Para que já a esse tempo pudesse a irmandade contar com numero tão crescido de irmãos, era preciso que sua erecção datasse de alguns annos anteriores ; além de que não era possível que uma cidade maritima e christã deixasse de ter uma irmandade tão preciosa qual a do Santissimo Sacramento, logo depois da instituição de sua igreja parochial.

Essas e outras razões, que militam com referencia ao assumpto, nos inclinam a crêr que a sua erecção tivesse lugar em 1648, como dissemos.

Accresce que para ser inaugurada a irmandade carecia-se de uma provisão do bispo diocesano ; ora nesses remotos tempos essa capitania dependia immediatamente do bispado da Bahia em materias de religião, e pelos annos de 1552 a 1556 era bispo da capitania de S. Salvador, D. Pedro Fernandes Sardenha, que teve por successor em 1559 D. Pedro Leitão.

No primeiro livro antigo da irmandade encontra-se o registro de deliberação de uma de suas mesas, que teve lugar em 17 de Agosto de 1705, sujeitando áquelles que quizessem fazer parte da irmandade requerer á mesa para que ella syndi-

casse da idoneidade do individuo e approvasse a sua entrada, pagando o mesmo uma joia de 4⁰⁰.

Esta clausula pelo correr do tempo foi sophismada com manifesto prejuizo da irmandade, que, seja dito de passagem, é a mais rica de todas as existentes nessa cidade, porque dispõe de duas classes bem distinctas de bens, a saber : a dos comprados com os seus rendimentos e a dos deixados em legado pelos seus irmãos finados.

Irmandade do Rosario. — E' incontestavel que a instituição desta irmandade data de mui remota antiguidade, quicá do seculo 15, porque ella já tinha sua existencia antes da elevação de Paranguá a categoria de villa e quando ainda era capella curada.

Nossa Senhora do Rosario, dos brancos, a padroeira da hoje cidade, tributando os povos antigos muita veneração ao padroado, é de presumir que fosse esta irmandade a primeira creada.

Não existindo os primeiros livros da irmandade, difficil é com certeza precisar-se a era da sua installação ; comtudo pode-se suppôr que coincidissem com a imigração dos povos da Cananéa para estas localidades porque com a data de 1 de Outubro de 1699 se encontra um requerimento feito ao vigario geral visitador do bispado do Rio de Janeiro, João de Sousa da Fonseca, pedindo para que elle abrisse, rubricasse e encerrasse um livro

para servir para os assentamentos da mesma, visto o primeiro pela sua vetustez parar em estado de não poder supportar mais escripturação.

Este primeiro livro para ter chegado a este estado de inutilidade era preciso pelo menos contar 80 annos de idade, deduzidos os quaes do da epocha do requerimento, nos dá a era de 1619 ou 29 annos de existencia antes da elevação de Paranaguá á categoria de villa, pois que só em 1648 é que o foi.

A estas circumstancias vem juntar-se o facto de ter já a irmandade em 1699 ornamentos em estado de não poderem mais servir.

Esta irmandade tinha o seu livro de compromissos, em o qual estavam traçadas as obrigações de todos os seus cargos desde o juiz até o irmão de mesa, classe esta que subdividia-se em perpetuos e temporarios, como se vê da lista feita em 1702 pelo procurador, Antonio do Rego Barrigão.

Na primeira classe estavam comprehendidos os moradores da cidade; na segunda sómente os moradores dos sitios, que por devoção inscreviam-se nella por uns tantos annos.

Ainda em 1669 era ella pobre, por quanto os seus rendimentos apenas chegavam a 197600. Em 1702 subiram a 497; assim foi progressivamente ascendendo, até que em 1849 subiam a 8007.

A provisão de 26 de Junho de 1727, expedida pelo bispo do Rio de Janeiro, D. frei Antonio da Guadalupe, approvando o novo compromisso, nos induz a crer que ella tivesse outros, que foram por estes reformados.

Ao presente tem ella prosperado e nos leva a crer que a fé dos christãos fará com que esta prosperidade continue.

Irmandade de S. Miguel das Almas. — Tambem ao certo não se póde marcar a data da sua instituição : o que é verdade, porém, é que já em 1706 ella existia ; porque o bispo do Rio de Janeiro, D. Francisco de S. Jeronymo, na provisão de 7 de Junho de 1717, aceitando e approvando o breve expedido em favor da irmandade de Nossa Senhora do Rosario, por Clemente XI, fallando do Archanho S. Miguel, affirmava ter elle um altar exclusivamente seu no corpo da igreja. E' evidente pois que a éra de sua installação deve remontar ao anno de 1667. E' pobre porque muito poucos são os seus irmãos, e os seus rendimentos firmam-se nas esmolas por elles tiradas ás segundas-feiras.

Irmandade de S. Antonio. — Ignora-se pelas razões por mais de vez apontadas a data de sua instituição; presume-se porém, que tivesse tido lugar por principios do seculo XVIII. E' de todas talvez a mais pobre, porque nem para fazer face ás suas despesas tem supprimentos.

Ordem Terceira de S. Francisco das Chagas. —

A Ordem Terceira de S. Francisco das Chagas principou a edificação da sua igreja em o anno de 1770 e veio a conclui-la em 1784.

E' toda de pedra e cal, e com quanto seu frontespicio tenha muito de antigo, comtudo approxima-se alguma-cousa da architectura moderna, principalmente na parte em que estão gravadas as armas da Ordem.

Está esta igreja collocada no fim da rua da Ordem e proxima da ribanceira do mesmo nome, que descamba por um dos lados do largo, que lhe fica fronteiro.

Servem-lhe de ornamento o altar-mór e dous collateraes: por cima do principal e regulando a altura das tribunas da capella-mór está collocado o de S. Francisco das Chagas. No collateral do lado da epistola fica o de Nossa Senhora da Guia; no do Evangelho Nossa Senhora da Conceição; nos dous nichos do altar-mór, Santa Theresa e Santa Rosa de Viterbo.

Está irmandade foi instituida em Paranaguá em o anno de 1770 em uma capella existente na ermida de Nossa Senhora das Mercês.

Nada de positivo se póde saber com referencia ao que se passou desde 1705 até 1746, em consequencia de terem sido os seus livros mais antigos destruidos pelo tempo; o unico, que existe, o de

seus accordaões em 1646 foi rubricado pelo visittador, padre Francisco Manoel da Trindade.

Capella do Senhor Bom Jesus dos Perdões.— A capella do Senhor Bom Jesus dos Perdões foi edificada por José da Silva Barros conjunctamente com alguns de seus amigos.

Não tendo chãos proprios requereram á camara municipal lhe concedesse umas 28 braças de terrenos devolutos que a mesma possuia nas proximidades das casas do alferes João da Veiga, ao que annuo a camara pelo seu despacho de 1 de Dezembro de 1710.

No anno de 1711 teve principio a sua edificação, que concluiu-se em principios de 1712. E' de architectura antiga e por conseguinte baixa e sem gosto.

O interior compõe-se de um altar-mór, em que está collocada a imagem do Senhor Bom Jesus dos Perdões, dous menores collateraes, um do lado do Evangelho, pertencente ao Senhor da Canna Verde, que foi do antigo collegio dos jesuitas, e de outro collocado do lado da Epistola, pertencente a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da irmandade da Santa Casa.

Esta capellinha tem passado por variadas phases impostas ou creadas pela ambição de outras irmandades.

A Ordem Terceira de S. Francisco das Chagas

teve-a por espaço de 30 annos, a de S. Benedicto desde 1782 até 1796, em que o protector da capellinha, sargento-mór João da Silva Pinheiro obrigou aquella irmandade a assignar um termo de desistencia e outro de entrega por meio de inventario de todos os objectos em poder della e pertencentes a capellinha.

Por morte do primeiro protector, José da Silva Barros passou a posse da capella para a sua viuva, como se vê de um officio da Ordem Serafica.

E se bem fosse ella de exclusivo dominio da viuva, nem por isso nunca deixou de ser administrada por protectores nomeados por eleições, a cujo cargo ficava toda a responsabilidade na parte concernente á boa conservação da mesma.

Assim que, foi o segundo eleito o capitão Gaspar Gonçalves de Moraes, o qual, no anno de 1755, vendo que os religiosos franciscanos, que nesses tempos residiam em Paranaguá, haviam requerido a camara chão sufficiente para edificação de um convento com terras para quintal cercado; e que essa exigencia importava uma usurpação dos terrenos da capellinha, á isto se oppoz com toda a energia, requerendo ao bispo diocesano contra os mesmos, promovendo no juizo ecclesiastico de Paranaguá um pleito, cuja favoravel sentença obteve do vigario da vara, padre Francisco de Meira Collasso, e pôde conseguir a demarcação, funcionando na

mesma o promotor publico, Gaspar de Freitas Trancoso, padre José Nunes Gomes, syndico dos religiosos e o mesmo protector.

Por despacho do Rm. Dr. Vigario capitular, de 17 de Julho de 1766, a requerimento do protector foi concedida a permissão para reparar-se o arco da capella-mor, e diversos outros concertos mais insignificantes.

O terceiro protector foi o sargento-mór João da Silva Pinheiro; nomeado pelo vigario da vara Francisco de Meira Collasso, foi provido no mesmo lugar pelo visitador padre Firmino Xavier, depois da morte do antecessor, que teve lugar em 1774. Servindo effectivamente até 1791, requereu a sua demissão, allegando ter mais de 70 annos de idade e morar no Pillar.

Concedeu-se-lhe a demissão pedida, em 1791, ignorando-se quaes foram os seus successores até o anno de 1805. No anno de 1798 o bispo D. Matheus de Abrêo Pereira, em visitaçãõ, chegando a Paranaguá, mandou que o visitador, Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, examinasse a capellinha, e á vista das informações obtidas deu o provimento de 21 de Julho, que é do teor seguinte: *«...que dalli em diante se faria annualmente a festa do Senhor no dia 6 de Agosto com uma missa cantada, d custa dos rendimentos de seu patrimo-*

nio, e que de accordo com o vigario fossem reparadas as alfaias para decencia do seu culto.

Em o anno de 1828 a 1829, sendo protector o ajudante José Antonio Pereira, teve princípio a obra do novo frontespicio, que foi feita por uma subscrição pelo mesmo promovida entre os moradores, vindo a ficar concluida esta obra em 1834 pelos esforços do commendador Manoel Francisco Corrêa Junior e do Dr. Agostinho Ermelindo de Leão, que conseguiram arrecadar de uma subscrição, que promoveram, a quantia de 412~~7~~840.

Irmandade da Misericordia.—Teve principio a criação desta irmandade no dia 8 de Dezembro de 1836 na capellinha do Senhor Bom Jesus dos Perdões, tendo por padroeira Nossa Senhora da Conceição.

Os estatutos dos seus compromissos foram approvados pela lei provincial n. 30 de 7 de Março de 1830 e foi sancionada pelo presidente, José Cesario de Miranda.

Originou-se esta irmandade de uma heroica associação, que havia em Paranaguá, cuja instituição datava de 9 de Outubro de 1831, debaixo do titulo de *Sociedade Patriotica dos Defensores da Independencia e Liberdades Constitucionaes.*

Na reunião, que teve lugar em 26 de Julho de 1836, o philantropo commendador Manoel Francisco Corrêa Junior mandou á mesa uma

proposta, que foi unanimemente adoptada pela sociedade, a qual tinha por fim soccorrer aos brasileiros necessitados; desta proposta originou-se a installação da irmandade da Santa Casa, de quem foi elle principal fundador.

A lei provincial n. 27 de 7 de Março de 1836, permittindo a esta irmandade a faculdade de adquirir bens de raiz até a valor de 40:000\$, deu-lhe uma importancia extraordinaria.

Em 8 de Dezembro, pois, foi ella instituida pelos antigos socios da *Sociedade Patriotica dos Defensores da Liberdade*, que passaram a denominarem-se irmãos da Santa Casa da Misericordia.

Esta irmandade, em consequencia de haver estabelecido que cada irmão, que entrasse daria de joia 4 patacoes, prosperou até o anno de 1849; desta época em diante, porém, tem ficado estacionaria. Até aquelle anno não só ella recebeu algumas deixas importantes, mas ainda muitos foram os concurrentes ao seu ingresso; dessa época em diante nem uma nem outra cousa se tem dado.

O hospital da Santa Casa foi edificado junto á capella do Senhor Bom Jesus dos Perdões: sua frente mede 100 palmos e corre na mesma linha da da capellinha e 150 de fundo, seguindo a linha da rua da Misericordia. A frente conta 6 janellas de peitoril e a porta principal fica pela parte da

rua da Misericórdia por onde se estende o edificio, que conta nesta parte 11 janellas. Suas divisões interiores constam de uma grande sala que serve para as sessões da irmandade e 4 grandes enfermarias, uma saleta, que serve de archivo e outra maior onde está a botica.

Parallelo a estas salas ha um corredor, que vai ter ao grande quintal e capellinha, o qual mede 8 palmos de largo. Para o fim deste corredor ha uma casa separada do edificio que serve de vivenda aos enfermeiros, e mais para diante tres enfermarias para senhoras. Em continuação do mesmo edificio ha quartos para o serviço interno, despensas, cozinha etc. etc.

Para confecção deste hospital no anno de 1841 a assembléa pela sua lei n. 30 de 31 Março de 1838 mandou dar á irmandade 2:000\$. Não chegando, porém, esta quantia para conclusão da obra a irmandade adoptou o alvitre de pedir emprestado á sociedade—União Paranaguense — a quantia de 1:000\$, pagaveis em prestações mensaes de 100\$. Tinha-se, pois, até 1839, gasto com suas obras 3:704\$, além da grande copia de dadivas, que a mesma teve em materiaes de toda a sorte e serviços gratuitos.

Um dos provedores, que mais impulso deu ás obras e importancia ao hospital, foi o tenente-coronel Joaquim Candido Corrêa, que pelo seu pres-

tigio e amizades conseguiu muitos favores não só do governo provincial, como ainda de particulares.

Irmandade de S. Benedicto. Tendo desaparecido os livros da instituição desta irmandade, não se póde precisar a época de sua criação ; comtudo sabe-se que ella é uma das mais antigas, porque por um dos seus livros existentes vê-se que della foram juizes, João de Carvalho Soares em 1694 e Manoel de Carvalho Siqueira em 1696.

Esta irmandade esteve por algum tempo na matriz, aggregada á de Nossa Senhora do Rosario, dos pretos ; sendo porém esta extinta, os irmãos uniram-se á de S. Benedicto. Ignora-se igualmente a data de sua trasladação para a igreja das Mercês.

E' de presumir que datasse da criação da irmandade de Nossa Senhora do Rosario, dos brancos, que teve lugar em 2 de Dezembro de 1694, porque sabe-se que esta criação foi que deu lugar á extincção da dos pretos.

Tiveram principio as obras da edificação da capella em 1774 e de todo ficaram concluidas em 12 de Janeiro de 1796.

A igreja é feita de cantaria, a gosto mais moderno, e por conseguinte mais elevada que as outras de sua categoria, sua largura e frontespicio

não são desairosos, suas portas são largas, altas e de cantaria.

O acto mais importante desta irmandade consiste no termo, que assignou, obrigando-se á entrega por inventario das alfaias da capella do Senhor Bom Jesus dos Perdões.

III.

EDIFICIOS.

Camara municipal. O paço da Camara Municipal está situado a meio da rua da Cadêa. Feito a gosto antigo resente-se sua architectura de sombriedade : sua frente tem 112 1/2 palmos de extensão e duas janellas com varanda de ferro no sobrado superior.

Do lado do sul, que é a primeira divisão, fica a sala, em que tem lugar as sessões da camara. A segunda divisão, do centro, conta duas janellas de peitoril ; a terceira duas janellas rasgadas e gradeadas, denomina-se esta parte a prisão grande.

No pavimento terreo da parte do sul fica uma porta e janella, que serve de corpo de guarda para a guarnição e a prisão correccional ; na divisão central fica a grande prisão dos homens, denominada enxovia ; na terceira uma porta que é o cor-

redor de serventia geral, ao lado do qual fica a prisão das mulheres.

Este edificio é todo feito de cantaria, suas paredes são fortes, os pillares e umbraes de portas e janellas são de cantaria lavrada, tem 49 1/2 palmos de fundo e 21 de altura. Sua edificação teve começo em 2 de Fevereiro de 1731, no tempo do Dr. ouvidor Antonio dos Santos Lobato.

As suas obras foram feitas por arrematação, e seu empreiteiro o mestre pedreiro Agostinho Gomes, que a concluiu em 1726 e dos cofres da camara recebeu a quantia de 1:370\$.

A edificação do terceiro lance principiou em 1770 e só em 1779 ficou concluido, sendo desta feita o arrematante das obras João José da Rocha.

Collegio dos jesuitas.— A camara e o povo paraguense, desejosos de que na villa existissem religiosos da companhia de Jesus para cuidarem do ensino e educação da mocidade, solicitaram do provincial da compauhia uma remessa de seis religiosos, obrigando-se a camara e povo a fazerem á sua custa um collegio, dar-lhes dinheiro, doações de arrhas e comprar-lhes escravos, afim de que tivessem o necessario para só cuidarem do ensino e educação.

O provincial, attendendo a supplica resolveu no anno 1699 mandar alguns religiosos, os quaes,

logo a sua chegada, tiveram as escripturas das doações promettidas.

Para abrigarem-os, fizeram-lhes uma casa no Campo Grande, a qual lhes serviria de missão em quanto não se promptificasse o convento. Esta casa foi posteriormente convertida em aquartelamento e alfim em 1828 demolida: seus materiaes serviram para a factura da casa da polovora no mesmo Campo Grande.

Para morada dos jesuitas puzeram a disposição a capella da Senhora das Mercês: para os actos religiosos todas as alfaias pertencentes a mesma.

Tendo-se dado principio aos alicerces do collegio, o Dr. ouvidor, João Saraiva de Carvalho, por seu acto de 3 de Fevereiro, mandou embargar a obra por não terem a camara e os padres licença de El-Rei. A camara, em vista do embargo, representou a El-Rei em 23 de Agosto, solicitando permissão para edificação do convento.

Principou, pois, verdadeiramente a obra do collegio em 1740, sendo proseguida até o anno de 1759, em que por decreto de 3 de Setembro de 1758 foram os jesuitas extinctos e banidos.

Por carta régia de 24 de Julho de 1759 foram presos e deportados: pelo alvará de 13 de Setembro foram declarados rebeldes e traidores.

Em 19 de Janeiro de 1760 teve lugar o sequestro

em bens, que lhes pertenciam, ficando por se concluir o convento.

No espaço de 75 annos decorridos da data da extincção dos jesuitas até 1835 em que o mesmo edificio foi declarado proprio nacional, ficou entregue ao mais completo abandono.

Os reparos, que neste periodo precisava o mesmo ficaram por fazer-se, de sorte que decahio do seu esplendor passado e hoje é quasi um acervo de ruinas, porque todo o telhado do corpo da igreja cahio, arrastando em sua queda todo o madeiramento da parte que hoje serve de aquartelamento aos guardas nacionaes destacados, e as parasitas perniciosas têm invadido as paredes, umas vezes rachando-as, outras empinando-as. Em 1832 o governo mandou reparar sómente a parte, que serve de aquartelamento em o extremo norte, na qual *mal e individamente está collocada* a alfandega.

A junta de fazenda depois da extincção do collegio dos jesuitas, e emquanto esteve coberto o corpo da igreja, conservou-lhe um capellão, ao qual dava 40\$ para curar na conservação da igreja, de seus ornamentos e alfaias. O primeiro destes capellães foi o padre Francisco da Meira Collasso, que funcionou até 1760 ; o segundo foi o padre José da Rocha Martins até 1801 e o terceiro e ultimo o vigario Joaquim Julio da Resurreição de 1801 até 1821.

Alfandega.— A provisão da junta de fazenda da provincia de S. Paulo de 18 de Junho de 1827 ordenou que fosse instituida a alfandega na parte norte do antigo collegio dos jesuitas.

No dia 6 de Agosto foi ella installada, tendo por seus primeiros empregados : juiz, o capitão Francisco Alves de Paula ; thesoureiro, o tenente-coronel Manoel Francisco Corrêa; escrivão, o capitão José Luiz Pereira e meirinho, Thomé Mariano da Rocha.

A lei de 20 Setembro de 1834, reformando as alfandegas, foi executada nessa alfandega em 2 de Janeiro de 1835, dando novo destino ao seu pessoal, que foi aposentado, sendo nomeado outro para substitui-lo. O regulamento de 22 de Junho de 1836 fê-la passar por nova transformação, que tem proseguido todas as mais vezes que se dá uma nova reforma.

Historico precedente ás obras da fortaleza da barra.— Sendo todos os portos do Brasil invadidos por piratas, que tinham a peito saquear as populações, entendeu Salvador Corrêa de Sá, mui sabiamente, que devia mandar fortificar os surgidouros mais frequentes.

Para este fim, mandando a Paranaguá Pedro de Souza Pereira para administrador de suas minas, ordenou-lhe que no seu regresso trouxesse os indios que estivessem aldeados ; ordem esta a que se

opoz o capitão-mór governador, Gabriel de Lara, ponderando as necessidades, que havia de gente para a defesa das tres barras, caso fossem as mesmas investidas, o que não julgava estar longe, visto como o hollandez a ellas se tinha apresentado com força.

A esse tempo demandou a barra para refazer-se de mantimentos e aguada um galeão hespanhol, vindo da Europa com destino a Valparaiso. Esse mesmo galeão um anno depois, 1718, de volta para a Europa com um carregamento de prata em pó e em barras, de novo demandou o porto para fim identico. sendo ao entrar da barra perseguido por um corsario francez, que cruzava nessas paragens, o qual deu-lhe caça, em consequencia da qual apanhou uma forte travessia na ponta da Cutinga e não podendo lutar com vantagem com os elementos desencadeados, foi alli naufragar em o dia 9 de Março de 1718, ficando por semelhante fórma o galeão hespanhol livre de ser sua preza inevitavel.

As visitas frequentes de piratas e corsarios, que atropelavam o commercio licito, obrigaram o governo a tomar a deliberação de edificar uma fortaleza na barra.

O marquez de Pombal ordenou ao governador da capitania general, D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, morgado de Matheus, que a

mandasse fazer. Para dar principio á sua obra ordenou este que seu irmão Affonso Botelho de Sampaio e Souza seguisse para Paranaguá, sendo portador de um officio á camara, consultando-a sobre os meios de torna-la menos dispendiosa ao erario real.

A camara, em sessão de 28 de Dezembro de 1765, depois de haver consultado o povo, respondeu ao general, dizendo-lhe ser impossivel obter-se auxilio de seus committentes em vista da indigencia em que viviam.

O general, pela sua portaria de 14 de Janeiro, estranhou não só á camara, mas ainda ao povo pelo pouco apreço que davam á medida, que se adoptara, de salvaguardar seus interesses da pirataria dos corsarios, e insistio no pedido feito : a resposta, depois de tres consultas feitas ao clero, nobreza e povo, foi a mesma : em consequencia desse resultado officiou o general ao minsitro do reino e por sua *ordem mandou a seu irmão* que dêsse principio á obra, visto como os avisos reaes de 21 e 22 de Outubro de 1766 lhe tinham posto fundos á disposição ; e com effeito no dia 9 de Janeiro teve lugar o assentamento da primeira pedra.

Tendo a camara se obrigado pelo seu acto de 1 de Dezembro a concorrer para a obra da fortaleza com 250\$ annuaes, e tendo remettido ao governa-

dor da capitania cento e tantos mil reis, estranhou este o seu procedimento e ordenou procedesse a cobrança precisa para satisfazer o compromisso e concluir as obras, que faltavam, as quaes ficaram acabadas em 19 de Janeiro de 1767.

Pelo exame que o general governador mandou proceder por um official de engenheiros, em 1800, foi ella julgada inutil pela razão de ser dominada pelo morro, em cuja falda está assentada ; sendo desmontada toda a sua artilheria e mandada para Santos, donde voltou em 1828, quando pelo tenente-coronel Manoel Ricardo dos Santos, foi ella concertada e de novo reparada.

O orçamento feito perante a commissão encarregada pelo presidente da provincia de examinar os reparos precisos lotou-os em 5:500\$, divididos em verbas parciaes, relativos a plata-fórma, muralhas, etc, etc.

Descripção da fortaleza. — A fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres foi mandada edificar por El-Rei D. José I, sendo governador da capitania de S. Paulo o general D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão.

Em 19 de Janeiro de 1767 teve principio esta obra na ilha do Mel, na ponta do morro denominado da Balêa ; e ora conserva o mesmo nome em uma ponta de rochedo, que termina no mar, no começo do sacco das Conchas, fronteiro á ilha das

Peças e a cavalleiro do canal grande da barra do norte.

Representam em quadrilatero suas muralhas de cantaria lavrada, assentadas sobre o rochedo do morro : sua posição fica mais ou menos aos rumos norte e sul. Divide-se em 4 cortinas, sobre as quaes estão collocados os canhões, que fazem fogo sobre 3 lados oppostos.

A primeira cortina vai da frente do portão da 1ª guarita até a 2ª, , onde está o mastro da bandeira, medindo uma extensão de 164 palmos : esta face demora ao rumo de norte.

A segunda comprehende o lanço interposto a 2ª e 3ª guaritas, ficando por esta fórma olhando para nordeste ; mede esta face 103 palmos de comprimento.

A terceira, que olha para leste, fica comprehendida entre a 3ª e 4ª guaritas ; e mede 215 palmos.

A quarta, que olha para o sacco das Conchas, está entre a 4ª e 5ª guaritas e conta 172 palmos.

Nestas baterias estão montadas 12 peças de calibres 18, 24 e 30.

A altura da muralha em frente ao portão é de 32 palmos ; e, supposto seja mais baixa em os outros angulos, mede 32 palmos acima do terra-pleno em consequencia da posição do morro.

Em cada ponta dos angulos tem guaritas

pedra de cantaria lavrada : cada guarita conta 15 palmos de altura com uma circumferencia proporcional.

As murulhas têm 7 palmos de espessura; seu parapeito, que fica por cima do terrapleno, tem $4 \frac{1}{2}$ sobre $3 \frac{1}{2}$. O terrapleno, que serve de praça de armas, tem 76 palmos de largura sobre 221 de comprimento; por elle se escoam 10 bicas de cantaria, que dão vazão as aguas.

Pelo lado de oeste e fronteando a muralha da face do portão e retaguarda do quartel, segue em linha recta um muro a fechar a fortaleza por este lado, que chega até ao morro: este muro tem 7 palmos de grossura e 32 de altura; em relação ao das muralhas tem parapeito, banquetta e 325 palmos de extensão. Em seguimento deste ha outro mais baixo, o qual tem 28 palmos de alto com 150 de comprido, vai ao encontro do morro e fecha o quadrilatero.

Assim que toda a obra de cantaria nella feita mede 1,369 palmos. Na entrada do portão principal ha uma rampa lageada com 11 palmos de largura e 25 de comprido. O portão tem 18 sobre 10; sobre elle estão as armas reaes lavradas em cantaria; por baixo dellas um globo, dentro do qual está gravada a data 1770, por baixo deste globo e por cima da arcada do portão, abrangendo-a de uma a outra extremidade ha uma pedra com uma carranca

dentro de um escudo de armas, e de cada lado um letreiro, que já senão percebe; por baixo deste escudo ha nma simalha e nella o seguinte disthico, *Reinando em Portugal o Sr. D. José I, mandou fazer, sendo governador e capitão general, D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão, no tempo do seu governo em 1769.*

O prospecto forma uma frente, tendo a cada lado uma pyramide de cantaria inteiriça, e bem por cima da corôa de armas, forma uma pequena abobada com 17 palmos de largura, 24 de altura e 51 de comprimento, dando para o páteo.

As portas lateraes, que ficam para a parte de dentro do portão e por baixo da arcada abobadada, têm 10 1/2 palmos de alto e 6 de largo. A do lado direito da entrada serve de enxovia e prisão; têm ambas janellas gradeadas que dão para o páteo por onde recebem luz; medem de frente 35 1/2 palmos e a 2^a 43 palmos sobre 24.

Nesta mesma direcção e proximo á 2^a prisão está o aquartelamento para a tropa, igualmente de cantaria, com 80 palmos de frente e 35 de largura com 2 portas e 3 janellas.

As obras internas, que param do lado esquerdo da entrada, vão ter a um páteo de 72 palmos de comprimento sobre 41 de largura; por elle se sóbe por uma escada de pedra, que dá para a casa do commandante.

O quartel do commandante fica arrimado á muralha interior das abobadas; tem 49 palmos de frente e 27 de fundo, ficando o tecto do mesmo debaixo do terrapleno: tem 2 portas e 1 janella; junto della fica a cozinha, que communica pelo interior. Junto da casa do commandante é que principia a grande calçada que vai para as baterias, a qual tem 17 palmos de largura e 71 de comprimento.

A capella dos Nossa Senhora dos Prazeres tem de frente 22 palmos e 31 1/2 de fundo; é toda de pedra, tem um unico altar, em o qual está collocada a padroeira da fortaleza.

A casa da polvora, metade de abobada, metade de taipa, com 4 botaréos lateraes, tem 25 palmos de frente sobre 21 de fundo: dista da capella, em cuja linha fica, 110 palmos; fronteia com a casa do commandante e della dista 130 palmos.

A fortaleza possui uma excellente fonte de agua potavel dentro de seus muros, a qual dista do aquartelamento 269 palmos.

Eis, pois, a descripção da fortaleza, cujas obras duraram cerca de 3 annos; e que, mandada fazer por El-Rei á custa dos cofres do real erario, pesou quasi toda sobre os particulaes, que foram fintados por differentes vezes.

E se bem se desse essa arbitrariedade, propria dos governos daquelles tempos, faça-se-lhes a devida

justiça ás suas boas intenções; a obra era precisa : para prova de sua necessidade ahi está a brilhante e gloriosa resistencia com que a mesma victoriosamente cambateu no 1º de Julho de 1850 contra o vapor inglez *Cormorant*, que teve a audacia de entrar no dia 29 de Junho, *bona fide*, e dentro da bahia de Paranaguá aprisionar tres navios nacionaes a titulo de destinados ao trafico illicito de africanos.

Por occasião de sahir o mesmo vapor rebocando as tres embarcações, o commandante da fortaleza, o distincto capitão Joaquim Ferreira Barbosa, collocando o ultraje pessoal na altura da offensa feita á sua bandeira, cuajuvado pela tripolação dos navios apreizados, fêz fogo sobre o vapor para obstar-lhe a sahida.

Travado o combate teve o *Cormorant* de lamentar a pôpa perdida, a caixa das rodas desmanteladas, um escaler partido, um marinheiro morto, muitos feridos e as prezas inutilizadas pelos estragos feitos pelas balas, sendo obrigado, para não perde-las, queimar duas e fugir com a terceira.

E' bem para notar que a artilharia da fortaleza jogava sobre pilhas de pedra em vez de sobre reparos. E' para presumir que se ellas estivessem devidamente montadas, como se acham ao presente, que os estragos fossem muito maiores, e talvez que perniciosos aos inglezes, que teria o per

missão especial nessa occasião medir a profundidade do canal da barra.

Officiaes como estes deviam ser recompensados de uma maneira estrondosa e brilhante !..

A fortaleza de Paranaguá é maior que a de Santos : a differença, que se nota entre ambas, é que esta tem suas baterias cazamatadas e aquellas descobertas, o que faz com que a guarnição fique muito exposta ao fogo inimigo, que ao demais póde calcular a seu salvo suas forças e recursos.

Pela 3^a face de suas baterias fronteiam as ilhotas das Palmas, que estão na distancia de um quarto de legua. Estas ilhotas servem de baliza para os navegantes que entram.

O morro das Conchas dista della meia legua em linha recta e com o da fortaleza fórma um grande sacco accessivel por mar e por terra.

Outr'ora havia no morro das Conchas um mastro de signaes, o qual se communicava com o da fortaleza, que tambem se correspondia com o da Cutinga, que a seu turno os transmittia á cidade. Esta correspondencia, seguida de tres tiros de canhão, queria significar rebate, ao qual eram obrigados acudir todos os moradores das ilhas das Peças, Mel e Rasa.

Estas providencias eram anteriores a confecção da fortaleza e por ventura tomadas logo depois da entrada do pirata francez em 1718, por quanto no

governo do general Antonio Luiz de Tavora, conde de Sarzedas, que teve lugar no anno de 1734, semelhantes providencias se deram para evitar a invasão de diversos corsarios, que bordejavam na costa ; ao presente urge que se restabeleça, não este uso, porém uma linha telegraphica completa, bem como a collocação de um pharol na ponta do morro das Conchas.

A fortaleza, epezar dos diversos concertos por que tem passado, longe está de ter tocado á perfeição : outra fórma necessitava se desse as suas baterias para obviar grande mortandade aos soldados de sua guarnição em caso de combate.

IV.

CONSIDERAÇÕES GERAES.

Muitos têm sido os lidadores eminentes e abalisados que, quaes denodados campeões, se têm apresentado pela imprensa a escrever e aconselhar ao governo sobre o meio de colonisar os incultos sertões do Brasil : muito poucos ou quasi nenhuns têm sido aquelles que têm deixado o campo das generalidades theoricas para se atirarem no da pratica.

E nos, pobre empregado publico, sem significação alguma social, porém animado de mui bons desejos, procedendo ao inverso desses illustrados cidadãos, deixaremos para um lado as theorias mais ou menos brilhantes, os autores mais ou menos conceituados, para nos importarmos sómente com aquillo, que nos tem ensinado a experiencia adquerida por alguns annos de pratica.

Assim que, examinar as necessidades mais palpitante do nosso Brasil, relativamente á agricultura, analysar o systema empregado pelos nossos lavradores, procurar os meios de os tornar conhecidos, applica-los aos colonos europêos, demonstrar a excellencia da colonisação sem a menor interferencia do governo, os embaraços que ella traz ao desenvolvimento, os males que acarreta ao Brasil, eis o fim á que nos propomos; por feliz nos daremos, por demasiado compensado nos julgaremos, se attingirmos ao alvo de nossos desejos.

Assim como não ha lei má e de seus executores depende unicamente sua excellencia ou sua condemnação; assim como não ha estadista brasileiro, que se occupe com a concepção de pensamentos prejudiciaes ao paiz de seu nascimento; assim tambem, estamos convencidos, não ha systema de colonisação, seja elle de parceria ou de pequenas propriedades, que não seja muito bom.

O que a pratica exige e a experiencia o tem demonstrado, é que se necessita de boa fé e cordura por parte daquelles que se deliberarem a fazer a tentativa pratica.

O nosso abençoado Brasil, participando de todos os climas, presta-se maravilhosamente ao cultivo de todos os vegetaes, quer elles sejam oriundos da Europa, quer da Asia, quer da Africa, quer das ilhas das Oceania e quer finalmente da America

do Norte; e ao inverso daquella primeira parte do mundo, cujos terrenos cansados só á força de muito extrume produzem, a sua benefica e criadora natureza faz germinar, alimenta, vigora, e desenvolve, de um modo verdadeiramente maravilhoso, as sementes que as nossas descuidosas mãos atiram ao acaso por sobre seu generoso solo.

Carecemos, pois, de agricultores intelligentes, que, amestrados pela experiencia pratica de seu mister, possam com segurança e quasi infalibilidade estudar o terreno de sua propriedade, e que deste estudo pudessem chegar á conclusão logica de que, para certa e determinada qualidade de terrenos, só deveria igualmente cultivar certas e determinadas especies de vegetaes.

E' geralmente sabido que 10,000,000 de habitantes é apenas um decimo da população, de que urgimos para povoar o nosso immenso territorio; que nossa lavoura, se bem que mui imperfeitamente, só das costas africanas recebia o estricto auxilio para o seu custeio, e que finalmente este auxilio o governo imperial, com a maior circumspecção, prudencia e sabedoria, entendeu dever aniquila-lo, depois de provar perante o mundo civilizado que todo o poder e atrevimento *britannico* eram improficuos para consumir semelhante milagre.

Conhecidos estes principios, não é difficil reconhecer igualmente que delles emanam a carencia de braços uteis á agricultura do paiz.

De preferencia a qualquer das outras partes do mundo, que nos podia fornecer colonos, que povoassem o nosso tão extenso territorio, vamos á velha Europa demanda-los.

Em que se basêa semelhante preferencia? Sem que façamos parte dessa phalange de homens illustres e provectoros, que marcham á frente dos negocios do nosso Brasil, nos julgamos habilitados para responder perfunctoriamente.

Sendo a velha Europa a parte do mundo, onde mais tem penetrado a civilisação, e por consequente mais adiantadas estão as descobertas scientificas e mais aperfeigoados os processos e instrumentos aratorios, vamos, *ipso facto*, ahi buscar os agricultores, que mais uteis nos podem ser para supplantar a inveterada rotina dos nossos lavradores, já com a introduccão de machinas e instrumentos, que, poupando consideravelmente as forças do homem, lhes dêem com grande suavidade os mesmos, senão melhores resultados praticos, já com a iniciação do amaino e roteamento das terras cansadas.

E por ventura os colonos, que têm aportado ás nossas plagas por conta do governo ou de asso-

ciações particulares, tem em verdade introduzido nos campos o manejo do arado? Serão os mais aptos para fundarem colonias no Brasil? Da sua introdução tem resultado algum beneficio ao paiz? Tem finalmente correspondido elles á expectativa do paiz e compensado os esforços de tantos dos nossos estadistas, que se têm cansado com a resolução deste grande problema? Certamente que não: di-lo-hemos sem hesitação. E por que?

E' opinião minha, e muito antiga, que o governo, para tomar a iniciativa na importação de colonos agricolas, devia apresentar diante dos olhos o quadro seguinte e invariavel:

1.º Escolha de terrenos nas proximidades dos centros populosos.

2.º Derribada de mato e destocamento do terreno.

3.º Demarcação exacta dos prazos.

4.º Edificação de casas adequadas e com todas as condições hygienicas para receber, para cada praso, uma familia.

5.º Entrega, a cada chefe de familia de colonos, da escriptura de posse de sua propriedade e de um titulo descriptivo da mesma com a necessaria junção da planta.

6.º Boas estradas de rodagem para o lugar designado para colonia.

7.º E finalmente armazens de provisões de boca para suppri-los, por um tempo determinado.

Isto pelo que respeita ao que devíamos ter prompto, antes de mandarmos buscar os colonos : occupemo-nos agora com os elementos, de que deveríamos dispor no estrangeiro :

1.º Agentes de provada confiança, de incontestavel probidade, escrupulosos, sagazes bastante para não serem illudidos ; e sobretudo que não recebessem por esse serviço salario algum dos cofres nacionaes.

2.º Ministros residentes, que, por meio de attestados officiaes, provassem perante o governo que tal agente gastou apenas tanto em pagamento de passagens de ida e de volta e com comedorias de tantos dias, que esteve em tal aldêa do interior da Allemanha contratando o engajamento de familias agricultoras.

3.º E finalmente que os consules, brasileiros natos, (faço esta excepção porque muitos o não são) fossem unicamente os encarregados de realizar os contratos com os capitães de navios para a condução dos colonos.

Assim concebidas e enunciadas estas premissas, entremos no seu desenvolvimento e na apreciação dos motivos, que actuaram de um modo desfavoravel ao governo, que, tendo gasto tanto dinheiro, e empregado tantos esforços, não conseguiu

ainda legar ao paiz uma verdadeira colonisação agricola.

Não o faremos, porém, antes de respondermos a uma interrogação, que já nos parece estar ouvindo, do respeitavel publico, a quem apresentamos o fructo de nossas vigalias ; vem a ser ella : qual será o homem que se quererá encarregar da penosa tarefa de engajar colonos, sem ter á sua disposição um pingue ornado ?

A' ella responderemos victoriosamente nestes termos bem simples : o governo tem na Allemanha, além de um ministro residente, um enviado ou embaixador, o numeroso pessoal de algumas legações ; e além delles tem mais uns quatro homens com o titulo de addidos á legação.

Ora, estes entes privilegiados, que sob o titulo pomposo de addidos, viajam ou estudam á custa dos cofres do estado, se fossem homens conscienciosos e idoneos, não podiam, mediante uma ordem do governo, encarregar-se vantajosamente de semelhante tarefa ?

E visto como elles já percebiam um ordenado e ao governo só cabia o encargo do pagamento de transportes e comedorias, além do serviço real prestado á colonisação, não era tudo mais dinheiro, que revertia em beneficio do thesouro ?

Não quero, porém, encarar a questão debaixo

das vistas encantadoras deste prisma : vou álem ; isto é, á hypothese figurada, á qual responderei por outras perguntas dirigidas ao publico.

Qual será o homem que não aspirará viajar a Europa, demorar-se tanto tempo, quanto entender preciso nas cidades e aldêas do interior da Allemanha, pagando-lhe o governo as despezas de transportes e comestiveis ? Qual o que por tal preço não tenha pressa de bem servir ao seu paiz ? Qual o que não desejará ter occasião de juntar o util ao agradável ? Creio que nenhum.

Assim que, entendemos que tudo quanto se afastar desta regra é dar inutilmente que comer a alguns aventureiros estrangeiros, sem uma unica probabilidade de resultado satisfactorio.

Os generos alimentícios, taes como a farinha de trigo etc. que importamos dos Estados Unidos e da Europa, só têm entrada e aceitação nos nossos mercados por imperdoavel deleixo dos nossos agricultores.

Participando felizmente o Brasil de todas as temperaturas, todas as provincias deste vasto imperio, ao sul da Bahia de S. Salvador, podiam, sem grandes esforços, supprir as demais suas irmãs com este genero de grande consumo e necessidade, se os seus agricultores se dessem ao trabalho de

seu cultivo e pensassem com mais reflexão sobre a realidade dos seus interesses.

E nem se presuma ser isto uma cousa extraordinariamente difficil e de custosa realização, por quanto a experiencia feita em Curitiba ahi está para attestar o ponto á que chega a uberdade do nosso solo.

Vegetaes uriundos de clima frio dam-se perfectamente em as nossas provincias de clima mais calidos : a colheita é demasiado crescida para compensar os esforços do plantador, e o plantio facil e incuidadoso.

Como, porém, procedem os nossos agricultores, em presença de resultados tão extraordinarios ? Adstrictos a uma velha rotina, cingem-se unicamente á plantação do café, da canna e de pouco algodão para a exportação, e dos farinaceos, quanto basten para suas respectivas alimentações.

Se algum, dotado de mais um pouco de curiosidade, se aventura a plantar algum trigo ou coisa sómente, é logo condemnado por innovador: todas as attenções dos outros se fixão sobre elle, declaram-se desde logo seus inimigos gratuitos e implacaveis.

Nestes termos, sempre estaremos na dependencia do estrangeiro, e no caso de um bloquio ficaremos, *pela fome*, reduzidos ao que sua generosidade nos quizer outorgar.

A industria do nosso paiz é sempre suffocada á nascença, se não pelo dinheiro do estrangeiro, que compra para esmaga-la, ao menos pela inveja e rivalidade de nossos lavradores.

Queremos, sim, que entre os nossos lavradores exista rivalidade, que se possa traduzir pelas palavras emulação, desejo de igualar, de exceder mesmo os esforços de outrem.

Desprezamos solememente a rivalidade, que se traduz pelo desejo de fazer mal, de obter por baixas represalias que outrem se não adiante na via do progresso agricola, que procure inutilisar os esforços de um homem mais emprehendedor do do que nós, pelo simples facto de não nos podermos elevar á sua altura.

A primeira proposição é a unica, que devia ter cabimento entre os agricultores brasileiros; é a unica, que desejamos envadisse o centro do todos os nossos grandes e pequenos proprietarios rusticos; é a unica, finalmente, capaz de levar o nosso bello paiz ao cume da felicidade, o que do amago do coração lhe desejamos.

A segunda deve ser energicamente combatida pelo orgão da imprensa, por todos os homens sensatos, como perniciosa á pratica, deve ser corajosamente repellida por todos aquelles que não receiam affrontar as iras desses parasitas que não escrupulisam amontoar o ouro sem lhes importar

que elle seja o representante vivo do *suor afflictivo* do pobre, das lagrimas da desvalida viuva, do sangue da innocente orphandade.

Temos, é pura verdade, muita falta de braços uteis para popular o nosso immenso territorio ; mas não é ella tão grande e absoluta quanto se tem apregoado, porque centenaes de milhares de braços indigenas vivem esparços parte pelas selvas e o restante na mais abjecta indolencia.

Se é tão abosoluta a deficiencia de braços não se dispense os nossos, para ir busca-los ao estrangeiro ; eduque-se convenientemente os nossos indios e teremos muitos melhores trabalhos do que os que nos póde fornecer a Europa ; *dirijam* e verão que não são tão estupidos como se tem querido apregoar.

E, visto como insensivelmente fomos levados até os nossos selvagens, seja-nos licito juntarmos algumas palavras sobre os meios de que se tem lançado mão para praticar a sua catechese.

Possuindo as 22 provincias, de que se compõe o imperio, uma legião de conventos de diversas ordens, porque razão não se lança mão deste parias da sociedade brasileira para emprega-los na catechese de nossos indios ?

Não seriam elles os mais aptos para, a imitação de Anchieta, Vieira, e muitos outros illustres

seus antepassados, fazerem ouvir a palavra santa do evangelho em òs nossos mais remotos certões? Se nenhum outro prestimo se lhes descobre, porque se os não obriga a desempenhar o unico de que são capazes?

Assim, convenientemente empregados, poderão prestar um serviço real ao estado, ao passo que encerrados em a estreita área de seus mosteiros, entregues a mais revoltante inercia e vadiação, sobrepesados á sociedade, que os supporta e apenas os tolera, são inúteis consumidores do imperio; e se o imperio necessita grandemente de braços uteis, não é logico que, podendo, não empregue os que tem para mandar vir outros do estrangeiro?

Não é igualmente logico que, para desempenho de semelhante mister, se lance mão de frades capuchinhos que, pela maior parte, ignoram os mais comezinhos rudimentos da nossa lingua; porque em vez de servirem para instruir os nossos indios, na lingua vernacula, elles, que a ignoram, vão ensinar-lhes uma algarvia inintelligivel até para elles proprios. Deste tão enraizado mal nasce a razão mais forte para que a catechese dos indios entre nós jámais seja uma realidade.

E, se temos frades de mais, isto é, homens que ao presente são inúteis á sociedade e ao estado, porque razão plausivel consentiremos que a elles se juntem os *barbadinhos*, estrangeiros, e lhe permit-

timos até que tenham conventos seus, e o que mais é, que se apossem dos logradauros publicos, como está succedendo no morro do Castello, na capital do imperio?

Serão por ventura elles mais moralizados que os nossos frades? Terão acaso maior cabedal de instrucção? Nem uma, nem outra cousa: o simples facto de serem estrangeiros os habilita para tudo; e *aquillo que os nossos, que fallam correntemente a lingua vernacula, não podem conseguir, elles, que della não têm o menor conhecimento, o conseguem.....*

Dê-se asado destino aos nossos que assim cumpriremos um preceito evangelico; e quando não nos restar mais um unico para empregar na catechese, então admittiremos, *se bem que com muita reserva*, que o estrangeiro venha preencher esta lacuna; antes da realização desta hypothese, acho até impolitico admittir no imperio frades estrangeiros *quando decretamos leis impedindo que os brasileiros professem*. Me parece que não estamos no caso de levar tão longe o desejo de proteger ao estrangeiro, principalmente quando desta protecção resulta um mal evidente para os nossos patricios

Aproveitemos os selvagens e saibamos tirar partido das inclinações de certas tribus para as nossas forças de mar e terra, depois de os haver educado

a proposito, para semelhante fim; e ao restante, conjunctamente com a parte da nossa população agricola indigente, reunido em nucleos coloniaes modelos, demos-lhes as mesmas regalias, que ás mãos largas concedemos aos europêos, e em conclusão teremos dinheiro gasto utilmente com aproveitamento de homens, com os quaes a sociedade brasileira estava acostumada a não contar, terrenos verdadeiras colonias tão uteis para a agricultura como para o paiz em geral; e teremos realizado e resolvido o problema do desenvolvimento de uma população indigena vigorosa.

Acabemos de uma vez com o recrutamento nas villas e aldêas do interior, onde quasi não existem vadios, porque este espantallo só serve para aterrar a nossa população rustica, faze-la trocar a mansarda pelas selvas, a enxada pela fuga, e muitas vezes é elle a origem de repetidas vinganças eleitoraes.

Para que os quadros dos exercitos de mar e terra extravasem, basta que, cerrando-se os ouvidos *aos pedidos*, concentremos o recrutamento nas capitaes populosas, e se ordene aos delcgados de policia a nomeação de inspectores de quarterão idoneos, que se não prestem a vingançasinhas, mas que façam timbre de bem cumprir os deveres inherentes ao seu cargo.

Destas nomeações, resultam dous beneficios im-

mediatos : uma estatística exacta da população e um recrutamento digno da mais avançada civilização. Inspectores taes podiam dar semanalmente uma relação ao delegado dos domiciliados nos seus respectivos quarteirões, cuja conducta ou meio de vida fosse suspeito, dos homens, finalmente, no caso exigido pela lei vigente.

Por esta fórmula, ao enunciado tão simples e facil de realização teriamos, sem aterrar os nossos roceiros, acabado com o enxame de vadios, que formigam nas nossas cidades e que não sei o motivo porque nunca são recrutados, feito um verdadeiro e importante serviço á agricultura, expurgando as fileiras da guarda nacional dos vadios, que nellas se asybam, completado o quadro sempre vasio dos nossos exercitos, e amontoado nos depositos de guerra supprimento de homens já exercitados no mister das armas, para acudir as faltas imprevistas e inherentes a tão arduo ramo do serviço publico.

Demos de mão a estas considerações e passemos a occuparmo-nos com a lavoura e os nossos lavradores.

O systema usado pelos nossos lavradores consiste em fazer derribadas de excellentes florestas, pela maior parte compostas de madeiras de um valor incalculavel, para as construcções navaes, para

a marcenaria e para a edificação logo que o terreno, de que se sirviam, não dispõe mais de luxuriosa vegetação. Feita a derribida e concedido algum tempo para o destocamento das madeiras, procedem ás queimadas. Chamam os nossos matutos queimada, um acto de verdadeiro vandalismo, e consiste em entregar para pasto das chamas bellos troncos, que a mão prodiga da natureza levou dezenas de annos para formar.

Consumidas as madeiras pela voragem de um fogo destruidor, longe de tratarem do destocamento dos terrenos, procedem incontinentemente á plantação do feijão, da mandioca, do milho etc. Esta operação se reproduz por espaço de alguns annos sem interrupção; apenas presentem que este terreno, sem o necessario cuidado, vai perdendo a força productiva, abandonam-o para irem mais adiante procurar novo theatro para exercitarem identica devastação.

Ia-nos esquecendo dizer que, um mez depois de feita a plantação, procedem os lavradores á denominada limpa, que é feita á enxada e tem por fim exterminar toda a vegetação estranha á plantação. Este processo repete se por tres vezes mais ou menos ou por tantas vezes quantas fôrem precisas para permitir a vegetação livre do objecto, que constituo o plantio.

Os poucos colonos, precisamente agricultores,

que temos, ao inverso do que praticam os nossos lavradores, adstringem-se a área do seu campo, preparam-o quando já está cansado e por esta forma restituem-lhe periodicamente as forças perdidas.

Obtendo, porém, em resultado de seus esforços, colheita demasiado larga para compensar o seu trabalho, tiram della o necessario para sua alimentação, para renovação do plantio e o resto pela maior parte perdem, por deficiencia de boas estradas e de mercados para sua prompta sahida.

Aquelles, porém, que têm aportado ao Brasil, de baixo do titulo de lavradores, mas que na realidade não o são, atirados por assim dizer ao centro de nossas florestas virgens, impossibilitados, já por falta de instrumentos aratorios, que não podem mandar vir pela grande longitude, em que estão dos mercados importadores, já por não terem o capital necessario para fazer face a sua compra em consequencia dos preços fabulosos, a que subiriam postos nos logares de suas residencias, e já finalmente por não estar o terreno em estado de supportar a applicação do arado, abandonam a experiencia provada a luz meridiana pelo modo de lavrar a terra com o instrumento proprio, e entregam-se de pés e mãos atados a rotina da enxada, usada pelos nossos patricios: assim, em vez de adiantarem concorrem para mais endeosar a nossa rotina.

Porque, forçoso é confessar que muito errado temos andado, querendo principiar a colonisação de nosso territorio, *marchando dos centros para as extremidades* sem mettermos em linha de conta, que não dispomos de estradas e mais elementos indispensaveis para promover a prosperidade de uma colonia lá para esses remotos sertões.

Deste inconveniente, além das razões já expendidas, nascem estas outras de primeira intuição: *deserção dos colonos* e ainda mais, concurrencia para fazer lavrar desanimo, aliás justissimo, por quanto pela frente os colonos só enxergam a triste prespectiva *de colher para comer e não para com o superfluo* juntar um peculio, que proven- do o das necessidades presentes os abrigue da indigencia no porvir.

Quem em idênticas circumstancias não faria outro tanto? Se as ruas de nossas principaes cidades jazem no mais lasfimoso estado, o que não succederá por esses trilhos á que pomposamente dão o nome de estradas? Qual será o homem que se entregue ao penoso trabalho do roteamento das terras, que não tenha em vista uma melhoria de sorte futura?

E visto como lhes tiramos esta doce prespectiva, nenhuma razão nos assiste para delles nos queixarmos. Façamos as cousas sem precipitação, e

teremos resultados tão promptos quão satisfactorios.

A colonisação deve ser espontanea e tão livre em seus vôos como o ar percorrendo o espaço. Nós, ao inverso do que até aqui havemos praticado, *devemos marchar das extremidades para os centros*; assignando as raias das cidades prazos proprios para receber a colonisação livre, edificar muitas e pequenas vivendas de tijolos, cobertas de telha (uma por cada prazo e para cada familia) para servir de habitação áquelles que por nossa propria conta houvessemos mandado engajar.

Os colonos espontaneos, não vindo ao Brasil para esmolarem, precisamente hão de trazer comsigo algum peculio, além do despendido com o pagamento de suas passagens, para acudir as primeiras despezas e comprar algumas braças de terra para dar principio á sua plantação.

Supponhamos, porém, que o dinheiro trazido apenas deve fazer face ás despezas de transporte e que nenhum outro-recurso lhes resta. Nós, que já temos terrenos demarcados nos extremos das cidades, que já temos em cada prazo commodos para abrigo-lhes das intemperies das estações, mandados á priori preparar para os importados por nossa conta, voamos em auxilio desses infelizes, demo-lhes casa, terrenos para plantação, instrumentos para lavrar a terra e comida por um nu-

mero de mezes determinados, mediante uma justa retribuição pecuniaria, pagavel em prestações annuaes, e contada da data da sua posse de installação na casa e terrenos da nação.

Ahi está, segundo entendemos, o unico caso, em que o governo deve figurar e o modo igualmente unico por que deve favorecer, acoroçoar e desenvolver a colonisação : bem assim deviam ser estes os casos para os quaes deviamos autorisar despezas, porque não passarão de meros adiantamentos, visto como o emprestimo era pagavel em um prazo determinado.

Fóra deste circulo, que a experiencia pratica, nos ensinou a traçar, todas as demais despezas autorisadas, é dinheiro irremissivelmente perdido. O governo, que tem sido incansavel em proteger e praticar todos os systemas theoricos de colonisação conhecidos até o presente, sem resultado satisfactorio para elle e para o paiz, que se digne de attentar para a voz da razão, e experimentar mais este, que é filho da pratica, afim de ver se será ou não melhor succedido !

Desejamos mesmo que o pratique em ponto infinitamente menor do que o fez com os outros, para que, no caso de um máo successo, no que não acreditamos, não perca muito. Quando as nossas finanças fallam de um modo tão significativo, é justo que elle seja demasiado cauteloso e

prudente na autorisação de despesas e principalmente das desta ordem, que não podem produzir immediatos resultados.

Encaremos agora a questão pelo lado de poderem os colonos prescindir do auxilio do governo e até mesmo do dos particulares. Conhecido por elles que nós tinhamos em lugares apropriados prazos de terra a venda, já destocados, limpos e de mais a mais com predios e nas proximidades dos centros populosos, que lhes garantissem a sahida de seus generos, se haviam de ir ávante procurar terrenos centraes para elles desconhecidos, e em os quaes fosse necessario tudo preparar e tudo crear para no fim de muito tempo e á custa de muitas fadigas poderem dispor de algum recurso, de preferencia a elles recorreriam em massa para comprar os nossos, que lhes offereria todas as garantias de uma futura prosperidade.

Eis, em muito poucas palavras, provada a utilidade do dinheiro do estado, gasto para firmar a corrente da emigração para o Brasil.

Assim domiciliados os primeiros colonos, os outros não se fariam esperar : a razão é de simples intuição. Em que parte do mundo poderiam elles encontrar tanta providencia e tão bom acolhimento ?

E' muito provavel que todos os emigrantes tenham parentes, e, se não parentes ao menos amigos, conhecidos ou affeioados ; encontrando em nossas plagas commodidades, que não poderiam achar em alguma outra parte do mundo, participarlhes-hiam semelhante novidade, que seria o ponto de partida para a nossa verdadeira e incontestavel colonisação ; porque todos se apressariam em querer tomar parte nas vantagens offerecidas pelo nosso governo e, como seus antecessores, gozarem de identica prosperidade.

As nossas repartições de correios, transmittindo fielmente ao ponto designado toda a correspondencia, boa ou má, iria promover na Europa e com especialidade na Allemanha e Irlanda uma verdadeira revolução ; revolução pacifica e que não contradiria, por fórma alguma, com as leis dos governos constituidos.

Uma vez despertada a cobiça licita, e, por verdadeira apreciação, melhor conhecido o nosso Brasil dos estrangeiros, teriamos para o futuro, sem o mais insignificante gravame para os cofres nacionais, estabelecida e firmada a corrente da emigração, que, a datar dessa época, viveria por si mesma, isto é, produziria o duplo do necessario para gastar com a demarcação de novos prazos e edificação de pequenos predios rusticos.

A pratica tem mostrado que, uma vez ella enca-

minhada, difficil, se não impossivel, é desvia-la: haja visto os estados Norte-Americanos, que, máo grado a guerra intestina, que solapa suas melhores instituições, continúa a receber emigrantes quasi na mesma escala.

E visto como entendemos que se deve gastar para attingir a um fim de tão reconhecida utilidade gastemos ao menos pela fórmula indicada, que é a mais prompta, proveitosa e immediatamente vantajosa para o paiz: abandonemos por uma vez o systema de manda-los engajar a Europa, que o tempo se encarregou de demonstrar com toda a evidencia que, sobre ser improficuo, é ruinoso e fatal ao Brasil.

Quizeramos antes que servissem os seis mil contos consignados para a colonisação para amortizaçãõ da nossa divida externa, que é o sorvedouro unico, verdadeiro e implacavel pesadelo do Brasil; e enquanto o Brasil dever a Inglaterra, estejamos certos de que jámais prosperaremos.

Os chefes de policia das grandes cidades podiam igualmente concorrer com o seu contingente para a resoluçãõ do grande problema da colonisaçãõ, não consentindo que essa immensidade de colonos portuguezes, que todos os dias aportam as nossas plagas, ficasse agglomerada em immundos cor-

tiços, que infelizmente abundam nas capitaes, exercitando industrias equivocadas.

Manda-os por conta do governo para povoar os nucleos coloniaes, creados na conformidade do plano iniciado, e já em estado de adiantada prosperidade, seria prestar á patria um serviço relevantissimo.

Donde procedem estes latrocinios, que todos os dias nos denunciam os jornaes mais lidos da côrte e das provincias, se não da vagabundagem de milhares delles, que se acoutam nos cortiços, e que, á imitação de aves de rapina, só a noite deixam essas possilgas para exercitarem seus vicios?

Pois será acreditavel que um homem, vendendo *phosphoros* (é a industria favorita), possa manter-se com o producto de sua renda? Que quantidade não será preciso vender diariamente, custando cada dusia de caixinhas 80 rs., para d'ahi tirar o estrictamente urgente para empregar na compra de generos de primeira necessidade? E serão eternas as suas vestes?

E note-se que, assim calculando, já lhes damos a grande vantagem de suppo-los productores, chimicos, e de não gastarem, por conseguinte, um ceitil com a mão de obra, compra de ingredientes etc. Por este racionio, em si tão simples, não vêm as nossas autoridades que estes intitulos mercatores ambulantes não podem offerecer segurança

alguma, que os leve a crer na moralidade da sua industria ?

Não será mais consentaneo dar-se lhes o destino, que nos atrevemos a indicar, muito embôra pareça elle arbitrario e até mesmo violento ? Não teriamos, se bem que não pelos meios ordinarios, concorrido para fazermos a felicidade futura desses infelizes ? Não seriam elles outros tantos homens, que arrancaríamos aos braços da indigencia ? E vindo elles para o Brasil, sob o titulo de colonos, não seria justo que lhes dessemos o destino respectivo ? Haveria neste procedimento alguma illegalidade ? Por ventura haverá dentro das cidades alguma lavoura ? Por tal fórma expurgadas as nossas cidades *desses industriosos nocturnos* desapareceriam todos esses latrocinios escandalosos, de que nos noticia os jornaes do imperio.

Transportados para as colonias militares ou mesmo agricolas, além de outros beneficios passariam do estado de simples consumidores para o de uteis productores ; e, por muito pouco que produzissem, sempre ganharia a lavoura, as cidades e a sociedade em geral.

Preferimos ás colonias propriamente agricolas as militares por entendermos que esses infelizes, habituados o indolencia, eivados de máos instinctos e affeitos á mais abjecta desmoralisação, necessitam de uma tutela humana, sim, porém regeneradora,

energica e capaz de operar o grande milagre de restitui-los á sociedade moralizados, honestos, obedi-entes e bons cidadãos.

O governo só nos casos e pela maneira apontada é que póde e deve intervir como instrumento activo da colonisação. Figurando, como seu promotor, elle tem de crear gravosas obrigações para com os cofres publicos, obrigações, que ficam sem compensação e que não passam de um deserviço.

Prescindindo, como ha feito, do auxilio dos agentes, que apontamos, tem de marcar grossos ordenados aos seus commissionados estrangeiros, homens pela maior parte sem lealdade, sem estímulo, sem patriotismo, e que não encaram a confiança, nelles depositada pelos nossos, debaixo de outro ponto de mira que não tenha por base *um meio de vida lucrativo e isento de trabalhos,*

Tal se tem dado com os agentes, de que se tem servido o nosso governo para o engajamento de colonos. Procurando auferir da maneira a mais reprovada os dinheiros do estado, tratam unicamente de illudir aos nossos ministros afim de que lhes não seja retirado o cofre das graças.

Vamos mostrar de que maneira servem esses agentes estrangeiros ao nosso paiz. De accordo com os maires, prefeitos e chefes de policia das capitães das grandes cidades da Allemanha, nos

mandam as mais das vezes viciosos e incorregiveis, que tiram de suas enxovias. Assim que, ao passo que vão expurgando as suas cidades de todos os homens máos e inuteis, a título de colonos uteis vão enchendo as nossas de vagabundos e perversos.

Eis como é servido o nosso governo pelos estrangeiros, a quem paga ; eis uma das mais poderosas razões por que não temos conseguido realizar uma verdadeira colonia agricola, havendo-se despendido tanto dinheiro.

Os poucos lavradores que, misturados com a escoria da sociedade allemã, se nos tem mandado, esmorecidos por immensos tropeços, ja por vezes apontados e mais ainda pelos compatriotas das cidades, de cujo contriato não podem prescindir, ou desertam dos nossos certões, onde estão encravadas todas as colonias para se homisiarem nas cidades onde encontram apoio nos patricios e trabalho mais lucrativo e menos penoso, ou vão engajar-se na qualidade de trabalhadores das estradas de ferro, onde com certeza obtêm pingues salarios.

Se nós, ao inverso do que havemos feito, marchassemos com as colonias das extremidades das cidades para os centros dos nossos incultos sertões, levando assim paulatinamente as populações, e com eillas todos os recursos, que lhes são inheren-

tes para esses sertões, já a esse tempo teríamos poucas, porém bem organisadas, populosas e prosperas colonias.

Partindo, porém, dos centros despopulados para as cidades, não estando para isto preparados os receptaculos, já porque não dispomos de estradas de ferro, que cheguem até lá, já porque não temos igualmente as de rodagem e já, finalmente, porque a nossa navegação fluvial é quasi igual a zero, tiramos todos os recursos dos colonos, que não têm mercado perto para exposição e venda de seus generos, tiramo-lhes toda a perspectiva de uma melhoria de sorte futura e por conseguinte os acoroçamos indirectamente á mandrisse e quiça á deserção e vagabundagem. Nestes termos, não temos, pois, de que nos queixarmos delles, visto como todo o erro tem sido unicamente nosso.

Quantos serão os europêos commissionedos por nosso governo, que façam objecto de honra a remessa de verdadeiras familias de agricultores? O que elles querem é fazer jus ao ordenado; o ponto de honra delles consiste em prefazer o numero de engagements encommendado; a qualidade e habilitação dos homens que nos remettem, a titulo de colonos, nada faz ao caso; embarcando elles o numero de cabeças da requisição, está *conscienciosamente* comprida sua missão. E como não

ha de succeder assim se elles, gozando á custa dos cofres brasileiros o *dulce farniente* da vida, nem ao menos por descargo de consciencia deixam as capitaes ?

O mais interessante é que elles comem galhardamente o nosso dinheiro e servem com um não desmentido patriotismo aos seus paizes respectivos, que os limpam de tudo quanto é inutil e pessimo.

Para cumulo de nossos peccados, ainda a Prussia se zanga e quer nos *impôr as condições, mediante as quaes podemos aspirar a honra* de obtermos os moralisados subditos (com honrosas excepções) que habitam suas casas correccionaes !... Não será isto uma verdadeira irrisão ?... Não deviamos por nossa dignidade e resposta a esse novo legislador nosso, fazer retirar *imediatamente* do paiz todo o pessoal de sua embaixada e acabar por uma vez com *essas ternas relações* ? Sem hesitação fallamos se fossemos governo.

Aconteceria outro tanto se para desempenho de semelhante mister tivessemos lançado mão de qualquer empregado de nossas legações ? Não caprichariam estes brasileiros em bem servir a sua patria ? Não nos sahiriam estes serviços feitos por brasileiros, muito mais baratos e melhores ? Na qualidade de parte interessada na immediata prosperidade de seu paiz, não se esforçariam por nos mandar só e unicamente familias agricolas e

morigeradas? Entendemos que sim; bem como que, a datar da adopção deste plano, principiará o florescimento dos colonias brasileiras.

Não nos faremos cargo de indagar se o systema empregado pelos particulares é ou não o melhor, pelo facto unico de não andar a par delles o interesse dos cofres nacionaes: expo-lo-hemos tão sómente

Ninguem ha que ignore que os particulares, que carecem de braços livres para o cultivo de suas terras, vão igualmente pedi-los á Europa. De preferencia a quasquer outros agentes, por mais idoneos que apparentem ser, por melhores titulos, que exhibam, procuram entender-se com firmas commerciaes de elevada reputação; e, mediante uma justa corretagem, sobre a totalidade da encommenda, ficam certos de possuirem colonos lavradores. Estas firmas commerciaes têm immediato interesse em não prejudicarem seu credito, as mais das vezes formado á custa de enormes sacrificios.

O contrato de parceria ou de pequenas propriedades é restringido a taes e taes regras, impostas pelos fazendeiros, depois de consultados seus mais vitaes interesses: concluido o contrato não é lícito ao encarregado ultrapassar impunemente suas raias.

O colono, solteiro ou casado, sujeitando-se ás condições prescriptas, fica sabendo que só póde contar com os auxilios estipulados no contrato, e fóra das condições aceitas não póde nem deve conceber alguma outra esperança, por mais insignificante que seja.

Débaixo destes auspicios embarcam-se para o Brasil, e uma vez aportados ás suas plagas, o fazendeiro, depois de leva-los ao consulado respectivo para rectificação do contrato, toma a si o cargo de transporta-lo para sua fazenda, onde a *priori* tinha feito preparar casa para o numero de casaes encommendados e cuja vinda aguardava, entregando-lhes terreno destocado, capaz de prestar-se ao arado, e abona, finalmente, por algum tempo, comestiveis, cujo valor real volta por prestações razoaveis para a sua caixa, logo depois de ultimada a primeira safra. Nestes termos, e assim procedendo, é que os particulares têm tirado vantagens inequivocas da introduccão dos braços livres. Haja vista a colonia Vergueiro.

O governo, porém, dispondo de innumerous agentes, todos estrangeiros, nullificando pela ganancia de uns a acção dos outros, tem esterilizado seus esforços e desnaturado a beneficencia de sua acção protectora. O particular leva sempre decidida vantagem sobre o governo nestas emprezas; porque á testa dellas e por conseguinte dos seus interesses,

está habilitado por isso mesmo para acudir a todas as emergencias, prevenir todos os conflictos e soffrear exigencias exageradas ; tem, finalmente, á mão todos os meios para poder, de um só jacto, providenciar, sem consultar, pela fórma que melhor lhe dictar a prudencia e a razão.

As nossas colonias, demasiado internadas e tão internadas quão isoladas, têm de tudo absoluta carencia ; tudo lhes falta e por melhor que seja a boa vontade do ministro, as longas distancias, as pessimas estradas e as más estações neutralizam seus esforços ; suas ordens ou chegam, por via de regra, tarde para solver a duvida suscitada ou são mal concebidas por causa da falta de apreciação visual dos terrenos e de taes ou quaes circumstancias, que lhes são peculiares. Outro tanto se não daria se o plano adoptado fôra marchar das extremidades para os centros, ou, em outros termos, dos arrabaldes das cidades para os sertões.

Já que ahi chegamos, releve se-nos que digamos alguma cousa sobre o facto, que se está dando na colonia de S. Leopoldo, na provincia do Rio-Grande do Sul, relativamente aos filhos dos colonos seus povoadores.

Na colonia de S. Leopoldo tem-se, por incuria nossa, introduzido um costume, a nosso vêr, prejudicialissimo, porque importa no porvir nada

mais, nada menos que a criação de um estado dentro de outro estado.

Composta exclusivamente de allemães, com preado e professores allemães, têm os seus filhos, brasileiros natos, sido creados pelo systema, usos costumes e linguagem germanica; succede desta imperdoavel liberdade, que concedemos á educação dos filhos dos colonos, que estes brasileiros, homens pelo tamanho e idade, não sabem proferir uma só palavra portugueza. Quando instigados pela necessidade do momento por la passámos, pareceu-nos que viajavamos por algum cantão da Suissa: tal foi a grandeza do nosso desapontamento!...

Ao presente assás prospera e dispondo de todos os elementos de vida, inteiramente independente do trato forçado das povoações nacionaes, nem ao menos por mera curiosidade procuram conhecer e fallar-o idioma do paiz, que habitam. Se de alguma cousa urgem em beneficio dos seus interesses, dirigem-se ao consul de sua nação, que é o seu órgão legitimo nas cidades, para que elle, por seu turno, procure entender-se com as nossas autoridades.

Sendo muito insignificante o numero de brasileiros, que residem em suas immediações, e não carecendo, além disto, os colonos do seu contacto para viverem e commerciareem, eximem-se mui honradamente de sua comunicação e guardam com

toda a pureza e patriotismo o idioma de seu paiz natal. Se quizessemos mudar de idioma, mesmo que a nossa nacionalidade perdesse os seus mais insignificantes vestigios, não tinhamos necessidade de empregar outro meio, bastava que alargassemos mais este: no periodo de 100 annos ficaria completa a metamorphose.

Eis ainda mais uma vez provada a excellencia do systema colonial nas proximidades das cidades. A necessidade forçada de communicação com os indigenas e quiçá os laços de familia iriam paulatinamente aclimatando-os á lingua vernacula e, pelo volver dos tempos e mescladas as raças, terminaria por extinguir-se a raça primitiva, para dar lugar a uma outra, que ficaria muito proxima da indegena, que alfim a subrepujaria.

Quando as colonias tivessem attingido os sertões, a distancia intermediaria a ellas e ás cidades estaria toda populada, seus campos cultivados, e a absorpção das raças consumada relativamente a todas as colonias com excepção da ultima, e que por nova e infinitamente pequena, comparada com a massa, que lhe precedeu, em pouco teria passado pela mesma sorte de suas antecessoras. Illiminados por tal fórma os vestigios da raça germanica, obteriamos como resultado deste esforço uma massa compacta, fallando a mesma linguagem, tendo os mesmos

usos e costumes, marchando com uniformidade e interesses na vanguarda da nação, e trabalhando com decidido afan para seu engrandecimento e prosperidade.

E' por semelhante meio que a Providencia Divina com mão caridosa, antependo-se aos nossos inauditos esforços para firmar a corrente da emigração, a tem acertadamente afastado para bem longe de nossas plagas, protegendo e perseverando de modo inequivoco nossa nacionalidade ameaçada. E o mais admiravel é que ao passo que de um modo sensível e palpitante decrescem os colonos, cresce em decupla proporção o algarismo dos portuguezes. O que quererá significar isto? Ainda é tempo de obviar tão grave inconveniente; ainda é tempo para arripiar carreira.

Nós, que tanto dinheiro temos gasto sem fructo real, podemos gastar mais algum com utilidade immediata. Creando um instituto agricola, no Jardim Botânico, por exemplo, com internato forçado para os filhos dos colonos estrangeiros, com professores e até mesmo os seus mais insignificantes serventes brasileiros, teriamos neutralizado os effeitos perniciosos do abandono, em que até aqui temos deixado a educação dos filhos dos colonos, abandono, que para o futuro, pelo menos, para as provincias, que demoram ao sul do Rio de Janeiro, se traduzirá pelas negras palavras *absorção de nacionali-*

dade, extincção da lingua portugueza em parte da America do Sul,

Preparado o edificio no Jardim Botanico e prompto para receber os alumnos, o nosso governo expediria uma circular terminante a todos os seus directores de colonias, constituindo-os seus agentes naturaes, encarregados de participar-lhe annualmente a quantidade e numero de adolescentes maiores de 6 annos existentes nas colonias de sua jurisdicção. O governo, considerando a participação, e dispondo de todos os recursos pecuniarios, expediria suas ordens, afim de que os adolescentes de ambos os sexos viessem ter ao Rio de Janeiro ao tempo de se poderem matricular. Chegados que fossem; o proprio ministro do imperio iria entregal-os aos respectivos directores, *recommendo* por essa occasião, que não permitisse que os meninos e meninas conversassem em idioma estrangeiro, e que a cada filho ou filha de estrangeiro desse, por companheiro de dormitorio, passeio ou trabalho, um brasileiro ou brasileira. Essa recommendação deveria ser verificada pelo ministro, o qual sem o menor apparatus, que denunciasse sua alta posição, deveria, *ipso facto*, visita-lo e verificar se suas ordens eram fielmente observadas ou se sophismadas. Caso, porém, o ministro, em consequencia de seus muitos affazeres, não pudesse pessoalmente visitar amiudadamente, poderia lançar mão de pessoa ido-

nea e de sua illimitada confiança para desempenho de tão util tarefa.

As meninas educadas modestamente e instruidas em todos os trabalhos de agulha, poderiam ser entregues á seus genitores, logo aos 13 annos; os adolescentes, porém, era conveniente que só aos 20 completos fossem desligados do instituto.

E' muito possivel que se nos taxe de visionarios; quero acreditar que assim seja aproveitado o methodo, que nos animamos a apresentar, teriamos em todo o caso obviado um mal remoto, é verdade, porém infallivel; teriamos preparado o terreno para que em todo o imperio só se usasse de uma lingua-gem, a portugueza. Não teriamos occasiões, quaes outras Austria, Russia, e Prussia, de promulgarmos leis em allemão, para os subditos, que fallassem este idioma, em francez para os gallo-belgas etc., além de que ninguem ha que ignore que a diversidade de idioma, usós, costumes e religião, tem sido e será a causa primordial da qnéda de todos os grandes imperios.

Supponhamos que um brasileiro, descendente de allemão, que só falla a lingua germanica, é um homem de talento e reconhecida capacidade; supponhamos mais que por causa daquellas bellas qualidades merecia os suffragios de seus concidadãos; é legitimamente eleito deputado geral, toma as

sento na camara e tem finalmente de orar sobre tal ou tal assumpto importante, que contende com os melhores interesses de seus constituintes; que figura fará este pobre homem no parlamento brasileiro, perguntamos nós? Se estropiadamente orar em portuguez fará um papel ridiculo e triste; se nem assim fallar ficará impossibilitado de expender suas opiniões, de esclarecer a camara com as luzes de sua experiencia, de tomar, finalmente, parte nos debates, porque quando o fizesse ninguem o entenderia. E pergantaremos ainda, não teriam estes brasileiros sobejas razões para amaldiçoarem a demasiada liberdade concedida por nós aos seus genitores em materia de educação? Não terão razões plausiveis para increpar-nos de deleixados? Não poderão com justa razão lançar-nos em face que os criamos como uma madrasta? Entendemos que sim.

E' lembrando-nos destas e outras emergencias, quiçá mais melancolicas, e que no porvir serão como outros tantos pomos de discordia para o nosso bello Brasil, que nos animamos a aproveitar da *bem entendida liberdade de imprensa* para apresentarmos a nossa humilde opinião sobre assumpto de tanta transcendencia, não com a clareza e brilhantismo que pede a magnitude do objecto, porque não dispomos de intelligencia, porém com a rudeza de estylo, que nos caracteriza e segundo a fraqueza de nossa pobre concepção.

E, visto como na nossa terra não ha nobreza heriditaria senão na augusta familia imperial, é licito á todo o homem de talento poder, dentro dos limites legaes, aspirar até o alto cargo de ministro de estado. E para que isto seja uma realidade e não o apanagio exclusivo de algumas familias indigenas, justo é que á esses nossos patricios, descendentes de outra raça, se facultem todos os meios para o fim de poderem, desde á sua adolescencia, entregar-se com liberdade ao cultivo methodico do mais bello e sonoro dos idiomas, o dos Viciras, S. Carlos e Mont'Alverne.

De todas as provincias, que demoram ao sul da do Rio de Janeiro, a que mais vantajosa se apresenta para servir de receptaculo á colonisação européa, é por sem duvida a do Paraná. Cortada toda ella de rios navegaveis, sendo todos para embarcações de grande calado, ao menos para sumacas, hiates, palhabotes, lanchoes, faluas, e outros vasos analogos; participando de um clima frio, e saudavel e tão fertil como os mais ferteis do Brasil, com uma população infinitamente pequena, comparada com a grande massa de seu territorio, que pela maior parte pertence á fazenda nacional, torna-se, segundo nos parece, de summa importancia e aproveitamento para merecer benevola e particular attenção do governo geral.

Antes, porém, de nos entretermos com outras cousas de reconhecida vantagem para o paiz, passaremos uma rapida vista de olhos sobre o estado actual da provincia. isto é, sobre os generos de exportação, que *deviam* fazer a sua riqueza agricola, sobre as riquezas que seu sólo encerra, sobre os meios de instrucção primaria e secundaria, sobre os que o governo provincial devia dar-lhes, e, finalmente, sobre os de realizar seu desenvolvimento e prosperidade. Se cumprirmos, como esperamos, essa promessa, teremos por então attingido ao alvo dos nossos esforços.

Os hibitantes da provincia do Paraná, por indolentes, por extremamente pobres, (fallamos unicamente dos lavradores) ou finalmente porque a politica local tem dividido e distrahido sua attenção da lavoura, têm despresado todos os ramos de cultura, que reclamam do cultivador um obice de trabalho, para se entregarem ao córte da madeira e preparação da herva mate, que, no entender delles, não urge de nenhum. A utilidade publica nos obriga a entrar na analyse de todos os processos empregados desde a colheita da herva até ao seu ensurruamento. E sendo estes os ramos mais importantes da exportação provincial, tolere-se-nos que delles nos occupemos com mais particularidade.

A tarauneira não vegeta em todos os cantos da America do Sul, procura terrenos especiaes, e desenvolve-se de envolta com outras muitas especies dissemelhantes pela sua grandeza e origem. Assim que, até ao presente, só se tem descoberto materaes *espontaneos* nas provincias do Paraná do lado fronteiro á Santa Catharina, nas terras altas do Rio-Grande do Sul, e nas republicas vizinhas de Corrientes e Paraguay.

Desenvolvendo sua vegetação espontanea, conjunctamente com outras especies muito diversas em sua essencia e grandeza, assoberbada constantemente pela projecção de suas sombras, não é possível que a folha da tarauneira receba a luz solar; ficam por conseguinte em estado de não poder attingir este gráo de madureza necessario para que o seu chá se torne de um sabor agradabilissimo. Accresce ainda que, tendo origem a sua vegetação conjunctamente com a de especies diversas, já nasce a tarauneira viciada: foi por este ponderoso motivo que os jesuitas das antigas missões preferiram planta-la nas varseas, como para diante mostraremos. Nos lugares productores da tarauna, como antigamente, ainda hoje habitam tribus guaranys ou descendentes de guaranys, que se dão a um uso immoderado do chá-mate.

Esta opinião não é sómente nossa, porém de todos os escriptores antigos e modernos, que se occu-

param com as antigas colonias luso-hespanholas na America do Sul. Do contacto immediato dos guaranys com os portuguezes e hespanhóes, seus conquistadores e primeiros povoadores, nasceu a introduccão, por parte destes, do chá de herva mate. O desejo de imitação, que *infelizmente* é inherente á nossa raça, deu origem a isto.

Com effeito, se bem que ao principio mostrassem os europêos uma como repugancia ao chimarrão, ella depois ficou demaziado compensada pelo uso immoderado, que delle fizeram todos os povoadores, desde o Paraná até o *famozo* Paraguay. Ao presente a sua aceitação é tal, que passou para a classe dos generos indispensaveis.

Cerca de 3 seculos tem volvido desde que os luso-hespanhóes principiaram a dar-se ao cultivo e preparo da herva mate; e parece até incrível que, no longo periodo de quasi 300 annos, esta industria não tivesse adiantado um passo! Bem pelo contrario, não tendo sua cultura e fabrico merecido attenção ou aperfeiçoamente algum notavel, nos propomos a provar que, contra a marcha regular de todas as cousas, ella retrogradou tanto, que excede aos tempos primitivos em rusticidade. Pois bem merecia a tarauna um cultivo tão desvelado e especial, qual o do chá! Adstringente e tónico tão poderoso como elle, excede-o ainda pela pre-

ciosa qualidade de valente diuretico; e se bem que usado de modo inconveniente e immoderado, não prejudica como chá ao systema nervoso. Tão melindroso e susceptivel como elle, só vegeta em certas e determinadas especies de terrenos elevados: parece que esta unica razão de per si fallaria bastante alto para que induzisse aos homens prodigalisarem-lhe os mesmos cuidados, que requer imperiosamente o plantio, cultura, preparação e fabrico do arbusto do chá, E terá isto acontecido? E' precisamente o que contestamos; por quanto os lavradores das tres unicas provincias, do imperio, que possuem a congonha, devendo ser os primeiros a promover o seu adiantamento, e avantajarem-se na especialidade do estudo de sua preparação, são os primeiros que, só com a mira no lucro, barateam a sua qualidade por meio de torpes falsificações, para só se importarem com a sua quantidade. Dahi a preciação do valor da nossa herva nos mercados do Prata. A' vista disto, teremos razão para nos queixar do abatimento, em que está a exportação da provincia? Entedemos que não. Queremos que os nossos generos tenham a preferencia no mercado estrangeiro? Pois bem, esmeremo-nos no aperfeiçoamento de sua qualidade.

Remontando a antiguidade, resumidamente exporemos o que fizeram nesse sentido os nossos an-

tepassados, os resultados que obtiveram, o que se faz ao presente e, finalmente, a razão por que sendo a herba brasileira melhor que a do Paraguay como materia prima, depois de manipulada é reputada muito inferior e só propria aos gaúchos

Os *senhores jesuitas*, que, aqui para nós, foram grandes mestres em *tudo e em todas as cousas*, conhecendo praticamente as avultadas vantagens, que auferiam do cultivo methodico da tarauna, procuraram introduzi-la nas 32 aldêas á seu cargo, conhecidas vulgarmente pelo nome de *Missões*. E como esses meus senhores *sempre tiveram um paladar* muito apurado, mudando a tarauna das selvas para as varzeas tiveram em linha de conta o seu melhoramento material. E, na qualidade de grandes *cammodistas*, entenderam, com carradas de razão, que o util é muito melhor quando anda a par do agradável, *et ipso facto*, que era melhor colher o fructo á porta do convento do que ir procura-lo a esmo nas brenhas; e como nenhum jesuita concebeu que não emprehendesse, nem empreendeu que não realizasse, passou o seu plano do idéal para a realidade. Mandando transportar pelos indios grandissima copia de mudas, plantando-as nas 32 aldêas de suas missões em fórma de alamedas ou ruas, guardadas as convenientes distancias para o desenvolvimento dos ar-

bustos, deram elles principio á sua grande obra de melhoramento,

As plantas expostas desde seu nascimento á acção benéfica dos raios solares, adqueriram toda a força e vigor da vegetação; suas folhas, robustecidas e convenientemente amadurecidas, offerciam abundante colheita e tão perfeita quanto era para desejar. Transportando-as das matas, onde se não podiam desenvolver á vontade por causa de serem abafadas pelas arvores maiores, para as planicies cultas, onde não existe semelhante inconveniente, era uma razão para crerem na evidencia dos resultados; por quanto, se a herva abandonada ás suas forças, sem cultivo, viciada e acabrunhada, era boa, tendo tudo quanto lhe faltava, devia ser excellente. Accresce ainda que, tendo ás portas de casa os bosques de tarauna, podiam em occasião opportuna realizar uma economia de tempo consideravel, que podiam melhor empregar no estudo da simplificação do fabrico.

Por experiencia propria sabendo elles que um pé de congonha era equivalente a uma arroba de herva, podiam com toda a segurança calcular os resultados da colheita pela propria colheita. Assim, se tivessem plantado 10 pés de tarauna, e valendo cada pé uma arroba, segue-se que o resultado seria 10 multiplicado por 1 arroba. Vem a pello

aqui uma observação : os jesuitas nunca cortavam a esmo a tarauneira, antes muito pelo contrario, em quanto não reconheciam que o arbusto tinha 3 annos de idade, não lhe tocavam, esperavam pacientemente que a arvore attingisse ao seu maior gráo de crescimento para que sua bella plumagem tivesse adquirido toda a madureza precisa para procederem ao córte e depuração. Em face desta observação modificaremos o nosso calculo primitivo. Plantando-se 2,000 pés, e suppondo-se que elles fossem o resultado de plantações parciaes, teremos que, precisando-se de 6,000 arrobas de herva para consumo ou exportação, dever-se-hia cortar os 6,000 pés, que primeiro se plantaram, ficando 14,000 ainda, dos quaes outros 6,000 estariam no anno seguinte promptos para a depennação. Assim entenderam dever fazer os avaros jesuitas *in illo tempore*. Vejamos o que se faz ao presente, isto é, no seculo 19, no seculo das luzes.

Os nossos fazendeiros e lavradores, porém, excommungaram as prescripções jesuiticas, não pelo facto de sua descendencia, mas pelo motivo de reclamar logo em principio das primeiras plantações alguns cuidados ; e como muito póde em nossa terra a indolencia, aboliram todo o plantio, que carecesse de trabalho ou methodo.

A clara exposição do uso entre elles adoptado, habilitará os homens sensatos a apreciar até que ponto se tem retrogradado em uma industria de vital interesse para a provincia, e cuja exploração e principio datam de 300 annos. Os pequenos lavradores, armados de machados ou fources internam-se pelas matas em um tempo determinado em procura das florestas de materiaes; descobertas ellas não lhes importa que o arbusto tenha ou não 3 annos de idade; é a arvore da congonba, logo está no caso, serve. Sem mais preambulos armam pelo meio dos materiaes uma comprida palhoça, coberta de telha, a que dão o nome de carijó; por baixo do tal carijó dispoem paralellamente achas ou toros de arvores seccas e deitam-lhe fogo. O calor produzido pela chamma da *coivàra*, lento ao principio e intenso depois, cresta as folhas e secca a arvore do mate. Passado este primeiro processo, tratam de diminuir gradualmente o fogo, até extingui-lo.

Resfriado o terreno ou cortam as arvores crestadas pelo calor da chamam, ou dão-lhe com um grande vara-páo até consummarem a queda de todas as folhas. Isto feito, apartam-as, depois de as terem reunido aos montes, ensaccam-as sem terem procedido a um escrupuloso exame, e des-cem até Morretes, Antonina ou Curitiba para rea-

lizarem por preço miseravel a sua venda aos chamados engenheiros.

Convem não deixar passar desperbida uma circumstancia de bastante gravidade, e vem a ser, que, ordinariamente a lenha usada nas *coivãras*, é composta de troncos de pinheiro de maior ou menor espessura. Ora, ninguem ignora que o pinheiro é resinoso e que sua rezina exhala um cheiro muito desagradavel ; a herva mate, que como o chá absorve todo e qualquer aroma, impregna-se do cheiro da rezina e em resultado o seu chá resente-se do gosto da fumaça ; consequentemente não é boa, por quanto ninguem ha que possa supportar em comida ou bebida gosto de fumo, e se não é boa por causa do processo por que a fazem passar, não devemos nos admirar que o seu preço esteja em relação á sua qualidade, e que seja muito inferior ao da herva paraguaya, que, sendo igualmente bem preparada, não o é comtudo tão mal como a nossa.

Os engenheiros (chama-se assim aos fazendeiros, que têm engenho de soque) pela sua parte não fazem melhor ; entregam as folhas da herva aos engenhos, e depois de mais ou menos trituradas, segundo é o destino, que lhe pretendem dar, ensurruam-as, depois de ensurruadas entregam os surrões ao calor benefico do sol, e remettem para o porto de Paranaguá, donde é exportada

por negociantes para Valparaiso, Montevidéo ou Buenos-Ayres. E, pois, não é para admirar que um arbusto tão delicado e melindroso como o do chá, preparado com tanta negligencia e despatriotismo, muitas vezes misturado com folhas semelhantes na fôrma, porém diversas na origem, cedo se deteriore e diariamente vá perdendo sua verdadeira estimação.

Será além disto o melhor involucro para a erva triturada o couro de boi secco? Entendemos, que não, porque dão-se as mesmas circumstancias, que apontei, quando tratei das *coivâras* feitas com troncos de pinheiro. Oppor-se-nos-ha á isto á portabilidade do involucro e o destino da herva; porém responderei que o chá é levado a toda a parte, e que ainda ninguem se lembrou de dar-lhe semelhante envoltorio. Por ahi se vê o apreço que fazem os nossos indigenas da herva, e do cuidado, que lhe merece a sua preparação; e se somos os primeiros a baratear sua qualidade, não devemos levar a mal que os estranhos a depreciem.

Se as folhas, depois de colhidas na arvore (sem o tal processo do fogo) fossem bem lavadas para separa-las das particulas de terra e levadas a um forno de barro (preferimos os de barro aos de ferro por causa das oxidações á que está sujeito este metal) onde um fogo ao principio lento, po-

rém cujo calor fosse ascendente pela graduação até bastar para fazer as folhas da congonha adquirir um grão de secura perfeito para a trituração ; se depois de passados por esta primeira preparação fossem expostas ao ar, por tanto tempo quanto fosse necessario para consumir seu resfriamento, e se ainda por ocasião de metter a herva triturada em latas hermeticas, á semelhança do que se pratica com o chá, se juntassem, para aromatisa-la, algumas folhas inteiras da gua-biroba, estou inteiramente convencido não só de que o seu preço seria fabuloso, mais ainda que sua demanda seria incessante.

Não se lembram os nossos lavradores, que da realização do methodo empregado pelos jesuitas nas suas antigas missões resultam vantagens inapreciaveis e que em todo o caso é muito preferivel ao máo uso de percorrer matas, andar a esmo leguas e leguas, destruir pelo incendio os vegetaes sem utilidade explicavel.

Explica-se muito bem esta anomalia dos lavradores ; no primeiro caso ha trabalho da preparação das mudas, ha o do seu transporte, o de sua plantação e o da limpeza do terreno ; no segundo ha apenas o de andar, que nada é para os nossos camponios; ha perda immensa de tempo que não é, nem póde ser apreciada por gente tão inclinada á indolencia : no primeiro caso es-

pera-se 3 annos pela arvore, e não ella pela fouce do cegador ; escolhe-se para colher ; no segundo cresta-se a arvore e colhe-se promptamente as folhas : na primeira hypothese planta-se para colher; na segunda deixa-se que a prodiga natureza, na qualidade de excellente mãe, cure da procriação de seus filhos. E viva o progresso retrogrado !!!.....

• As provincias, brasileiras, que ficam ao sul do Rio de Janeiro, têm felizmente demasiadas proporções e vastos terrenos para produzir a herba mate de melhor qualidade, que as das republicas do Rio da Prata; e a prova é que outr'ora foi a nossa herba mui estimada, procurada e preferida á das possessões hespanholas. E desde o momento em que os nossos lavradores derem de mão á sua falsificação, desde que deixarem de olhar para a quantidade para só attenderem para a qualidade, mesmo tão incuriosamente preparada, como sabemos, ella re-adquirirá sua elevação e conquistará palmo a palmo seus antigos foros. Offerecem-se-nos dous meios para melhorar o cultivo da tarauneira:

- 1.º Destruindo todos os demais vegetaes de uma floresta virgem para só deixar a tarauneira e a guabirobeira.
- 2.º A' imitação dos jesuitas, transportando das matas para os povoados as mudas das

duas especies designadas e plantando-as em fórma de alamedas.

Examinemos a procedencia da realização de um ou outro dos dous meios apontados para o fim de chegarmos em conclusão a saber qual delles é o preferivel. Convirá ao estado em geral, e á provincia do Paraná em particular o emprego do primeiro dos meios apresentados? Com a mais absoluta franqueza responderemos que não; por quanto tal autorisação importaria a destruição de matas de nossas excellentes florestas; não, porque estas florestas são compostas de optimas madeiras de construcção naval; não, porque esta destruição parcial ou geral nos obrigaría para o futuro á importação da madeira estrangeira, que é muito inferior a nossa; e é o que a todo o transe convém impedir que succeda.

Se tão graves inconvenientes se oppoem á realização do primeiro meio, vejamos se succederá outro tanto a respeito do segundo. Não enxergo inconveniente algum; porque neste caso sobre á perfeição e pureza na manipulação e diminuto trabalho nas primeiras plantações, junta-se a grande vantagem de aproveitar-se terrenos já cansados para plantio de outros vegetaes, mas muito convenientes para o da tarauna. Sendo as vantagens reaes e palmares, ainda mesmo para os mas myopes em materia de agricultura, é, conforme minhas

convicções, o unico, verdadeiro e preferivel a quantos se apresentarem. E se reconhecidamente elle é bom, deve ser traduzido em uma realidade por todos os plantadores.

Adoptado e realizado pelos nossos lavradores, para attingirem a perfeição nesta plantação e fabricação especial bastava que intercalassem a cada cem pés de tarauna, um de guabiroba, que, como não ignoram os nossos camponios, serve para transmittir á folha do mate um aroma agradável.

Não é, como prudentemente dissemos, todo o terreno que serve para a plantação dos bosques de tarauneira. Se, por exemplo, os terrenos altos e de massapé de Castro, Palmas, Guarapuava, etc., se prestam maravilhosamente ao desenvolvimento deste vegetal, outro tanto não succede pelo que respeita á Curitiba, Morretos, Paranaguá etc, cujos terrenos são argilosos ou areentos.

Ainda mesmo que todo terreno da provincia do Paraná fosse optimo para tal plantação; ainda mesmo que esta industria fosse tal que pelos seus lucros fabulosos absorvesse toda a attenção dos pequenos lavradores, a ambição lucro não devia cegar aos grandes e pequenos fazendeiros ao ponto de desprezarem todos os demais ramos de cultura; por quanto o resultado pratico

deste systema de exclusivissimo será ficar a provincia dependente inteiramente das demais suas irmãs com relação aos generos de primeira necessidade, e é o que infelizmente se está dando. Por ventura estará a fertilidade desta provincia em relação com a importação de generos alimenticios? Não importará ella um protesto vivo contra o deleixo de seus habitantes? E porque tanta incuria? Como explica-la? Curitiba pela impregnação da humidade atmospherica, pelos grandes brejos, paús e pantanos que bordam o seu solo em toda a sua superficie, é muito propria para o plantio do trigo, do centeio, do arroz, do milho vermelho, do feijão das favas, da cevada, da mostarda, linhaça, das batatas, do chá, e, finalmente, nas partes elevadas, da canna.

Antonina, Paranaguá, Morretes e Guaratuba etc., cuja atmospherica é comparativamente mais quente e cujos terrenos mais seccos, prestam-se maravilhosamente á ptantação da canna, café, do algodão, do fumo, da mamona, da mandioca etc.

Bastava que os lavradores do Paraná inclinassem o fiel de sua balança exclusivamente para estes ramos da agricultura, para que dentro de muito pouco tempo a provincia, apesar de sua grande adolescencia e pouca população, se collocasse a par de suas irmãs mais velhas na rota do progresso; bastava que elles ensaiassem em larga

escala estes ramos de lavoura para que a exportação provincial crescesse de um modo prodigioso; bastava que, depois de uma tentativa feliz, a elles se dedicassem para que o seu commercio se desenvolvesse, seu mercado se enriquecesse, seu porto regorgitasse de navios estrangeiros, sua cidade se populasse.

Na verdade é para lastimar que, existindo centenares de leguas de campos incultos, mesmo ás portas da cidade, pela incuria unicamente dos seus pequenos lavradores, esteja o Paraná, cujo solo é tão fértil, na mais absoluta dependencia do Rio de Janeiro, até para lhe supprir de assucar!!!... E' tristissimo, mas tão verdade como a existencia da luz do dia, que o solo de Curitiba, produzindo espontaneamente o arbusto do chá, em tão grande quantidade e tão vigoroso como o da melhor especie de S. Paulo, não apparecesse um dos seus ricos fazendeiros, mais curiosos do que os outros, que mandasse vir daquella outra provincia por sua conta homens amestrados pela pratica continua de sua manipulação; que ainda não apparecesse um mais corajoso que os outros que se animasse a fazer uma insignificante tentativa ao menos!... Até onde chegará o desmazelo, a incuria e a indolencia de nossos lavradores? Quando a herva não der para fazer face as despesas de seu custeio, a que ficará reduzida

esta bella provincia? Nos mercados do Prata já estão desacreditadas as suas madeiras, porque não são cortadas como aconselha a mais sã prudencia; sua herba goza de má reputação em consequencia das reiteradas falsificações: qual será pois o futuro desta bella porção do Brasil se os seus habitadores não arripiarem carreira?

A provincia do Paraná tem por limites ao norte a provincia de S. Paulo, a leste o oceano atlantico, ao sul a provincia de Santa Catharina, e a oeste o Paraguay e Mato-Grosso. Sua superficie é de 3,000 leguas quadradas. Tem 100,000 habitantes, dos quaes 80,000 livres e o resto escravos.

Seis são os seus rios principaes; a saber: Paraná, Paraparema, Sahy, Itararé, Tibagy e Iapó.

Treze são os de ordem inferior; a saber: Grogussu, Medeiros, Itaqui, Tagaçuba, Serra-Negra, Pomba, Borrachudo, Assemguy, Patos, Faisqueira, Cachoeira e Embuguassú. Ha uma infinidade de outros menores no seu porte, que regam o territorio da provincia em todos os sentidos. Dous são os seus principaes portos: Paranaguá e Antonina: além destes ha muitos outros iguaes ou pouco inferiores.

Tres são as suas barras, geralmente conhecidas pela sua posição com referencia aos rumos da agulha; a saber: sul, leste e sueste; as duas

ultimas são praticaveis em qualquer tempo e com toda a maré; a primeira, porém, cujo canal sobre ser muito estreito e curvilinio é semeado de parceis, está inteiramente abandonada pelos navegantes em consequencia dos grandes perigos, que offerece o seu ingresso.

Uma unica fortaleza serve de fortificação á provincia; está collocada ao lado direito da barra de sueste, no sopé de um morro pouco elevado. Esta fortaleza serve tambem de registro para as embarcações entradas e sahidas; por esta causa é que lá existe constantemente destacado um guarda da alfandega.

O commercio de exportação se resume em madeiras e herva. O rendimento geral liquido orça por 136:379,650 e o provincial por 200:000.

No que respeita á parte ecclesiastica ainda está dependente do bispado de S. Paulo; e o fóro ao tribunal da relação do Rio de Janeiro. Divide-se a provincia em 4 comarcas: Curitiba, Paranaguá, Guarapuava e Castro, que servem de residencia aos respectivos juizes de direito; em 7 juizados municipaes: Curitiba, Principe, Ponta Grossa, Guarapuava, Paranaguá, Morretes e Castro. em 19 municipios. e 20 freguezias; em 1 chefia de policia, 7 delegacias, e 21 subdelegacias. O chefe de policia reside em Curitiba, que é a capital da provincia. Quando se trata da elei-

ção para deputados geraes e senadores é toda a provincia considerada como um grande districto. Dá dous deputados e um senador. A assembléa provincial compõe-se de 20 deputados. As principaes cidade são Paranaguá, Curitiba, Antonina, Castro e Guarapuava: a excepção das primeiras, todas as mais principiam apenas a nascer. Seis são as suas colonias: Jatahy, Theresa, Supiraguy, Palmas, S. Pedro de Alcantara e Nossa Senhora do Loreto com uma população mixta de 1,957 pessoas. Os metaes preciosos, que mais abundam são o ouro, nas visinhanças da serra do mar e serra acima; o mercurio, nas margens do Iguassú e Boguassu; o cobre, nas margens do rio do mesmo nome; os ixtidos, e peroxidados de ferro, por toda a parte; o diamante, nas aguas do Tybagy; o carbonato de cal, nas pedreiras de Curitiba, Castro e colonia Theresa; as argilas são muito variadas e encontram-se sem difficuldade nos centros da provincia; ha poucas, porém abudantes fontes sulphurosas nos sertões.

Curitiba, situada na encosta da serra do Cubatão, fica distante do porto de Antonina 12 leguas e do de Paranaguá 15. Relativamente aos demais pontos da provincia, não é como se quer inculcar a cidade de Curitiba o verdadeiro centro da provincia. A população da cidade é de 6,200 almas, e a

de toda a comarca de cerca de 18,000. Paranaguá, situada á margem meridional da bahia formada pelo Itibiré, dista do oceano 3 leguas. Sua cidade conta 10,000 habitantes e todo a comarca perto de 18,600. E' a mais importante e populosa de toda a provincia. Possui um excellente templo, ora em reedificação que serve de matriz, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario. Além deste possui mais 3 outros menores, que são o de S. Benedicto, S. Bom Jesus dos Perdões e S. Francisco da Penitencia. Tem uma casa de camara com uma pessima cadêa no andar terreo, uma alfandega, um excelente hospital de Misericordia, que tem prestado uteis serviços á população indigente, um theatro e uma casa de capitania.

O simples facto da descripção topographica de Curitiba indica com a maior evidencia que lhe fallecem todos os recursos para uma capital. Esta nossa opinião, sendo a de todos os homens conhecedores da provincia, é ainda corroborada pela de todos aquelles viajantes, que têm transitado por essa cidade, a respeito da qual se exprime o Sr. Theophilo Ribeiro de Rezende pela seguinte fórma: — *E' com effeito custoso viver em um paiz constantemente lamacento ou charcoso, molhado e nimiamente frio quasi duas terças partes do anno, onde tudo cada vez mais se difficulta e encarece.* — Mais adi-

ante prosegue:—*Este lugar effectivamente nada promette, esteril e sem cultura, nem sequer tem commercio, excepto o pequeno mercado, ora feito com os empregados civis e militares. Digo que não ha commercio propriamente dito na capital, porque é conhecido que em toda a pvoincia só o ha de herva e pouco de animaes: -o primeiro da-se em Morretes e Paranaguá; e para o de animaes serve a provincia apenas de intermediaria ao Rio-Grande e S. Paulo, sendo pontos de transito, Guarapuava. Principe, Ponta Grossa e Castro, tudo muito distante de Curitiba. Acresce que esta povoação nem ao menos é lugar obrigado de passagem do interior para o litoral e vice-versa, como a capital de S. Paulo, tornando-se por isto isolada e hoje apenas receptaculo dos empregados civis, militares e de um ou outro especulador.*

E infelizmente para Curitiba o Sr. Rezende proferio uma verdade evangelica, prophetizando o seu presente e o seu futuro desesperador!... Central, sem uma unica via de comunicação regular, isolada, sem nenhum destes grandes recursos, que fazem a animação, a vida das cidades, sem commercio e por conseguinte só vivendo vida official, devia, apesar do pomposo vaticinio, que lhe outorgou o Exm. Sr. conselheiro Zacarias, não passar do que realmente é: — uma cidade sem significação. E tão valente é a nossa convicção á este respeito

que não trepidamos em affirmar que daqui a um seculo, correndo como infelizmente correm os nossos negocios provinciaes, ella pouco mais será que a Curitiba de hoje.

Nem mesmo sei á que attribuir, como o Exm. Sr. Zacarias, com o tino administrativo e poderosa intelligencia, que lhe conhecemos, foi procurar semelhante lugar para capital do Paraná! Se era um ponto, *verdadeiro centro*, que S. Ex. procurava, enganou-se; porque a distancia que medeia entre Paranaguá, Antonina ou Curitiba, não é a mesma, em que desta cidade ficam Castro, Guarapuava, Palmas, Principe e Ponta Grossa.

Estaria o governo geral ao facto das circumstancias peculiares ao lugar e conheceria seus recursos? Creio piamente que não.

Quando um presidente é mandado afim de crear uma provincia, e dispõe de plena liberdade para escolher em todo o seu territorio um ponto para capital, elle, depois de maduro exame das localidades, escolhe ou antes prefere para semelhante mister, a melhor de todas as suas cidades, aquella que maior numero de garantias lhe offerece de um prospero futuro. E S. Ex. fez isto? Não; logo trazia ordens positivas para fazer de Curitiba capital do Paraná: isto nos explica a pressa com que S. Ex. a deixou.

Parece-nos que uma cidade para gozar dos foros de melhor, no sentindo em que fallamos, deve reu-

nir em si os seguintes quisitos : 1.º Estar collocada beira mar para estar igualmente em contacto immediato com a capital do imperio e com o estrangeiro ; 2.º Ter maior numero de predios urbanos ; 3.º Dispor de um bom porto ; 4.º Terreno plano sufficiente para estender sua edificação, sem ter de supperar escolhos ; 5.º Ter maior população ; 6.º Ter mais recursos, mais riqueza commercial e civilização mais adiantada. Com todos estes predicados só conhecemos em toda o provincia uma cidade, e esta chama-se Paranaguá.

Maior, mais populosa e mais commerciante que Curitiba, Antonina, Castro ou Guarapuava, só aguarda para seu verdadeiro e legitimo engrandecimento que os curitibanos tenham bastante patriotismo e amor pelo bem-estar de sua provincia para serem os primeiros a darem o exemplo de completa abnegação, ligando-se aos deputados para proporem a transferencia da capital para ella. Com o desapparecimento da scena do espirito de mal entendido bairismo, surgirá a aurora de prosperidade da provincia do Paraná. Curitiba, qual outra S. Christovão, depois de passar por todos as *duras provas dos desenganos os mais amargos*, acabará, como ella, por ser a primeira a dar semelhante passo, que, no nosso humilde entender, devia ser já, para que ella como sua decahida irmã não ficasse tão empobrecida. Para bem se avaliar

da capital do Paraná, das razões que nos assistiram para julga-la incapaz de augmento, juntaremos um mappa estatístico dos predios etc., de Curitiba.

O Exm. Sr. conselheiro Zacarias com plena liberdade de acção, pronunciou-se ácerca da transferencia da capital para Antonina. No primeiro caso S. Ex. cumpria uma ordem, no vertente exhibia o fructo de suas convicções. Vejamos se teve alguma razão preponderante para chegar a este resultado.

A pequena cidade de Antonina, como a de Curitiba, cercada por uma cordilheira de morros de não pequena elevação, apresenta ao espectador a fórma imperfeita de uma meia lua; a planicie, collocada entre a cordilheira e o mar, é demasiado estreita para consentir que sem grandes trabalhos da arte possa estender-se no porvir a cidade para norte, sul, leste ou oeste,, porquanto esta planicie não passa de uma estreita lingua de terra. A pretender-se estender mais do que está a cidade, de duas succederá uma: ou tem de proceder-se ao desmoronamento de toda uma cordilheira, que é logo seguida de outra, ou de fazer-se grandes aterros sobre a bahia, e neste caso ficará o seu porto, já tão baixo, inutilisado. Estará o Paraná nas circumstancias de occorrer á semelhantes despezas, quando

ainda não teve o necessario para a factura de um palacio?

Antonina tem uma extensa e linda bahia ; porém, de que lhe serve esta extensão e belleza se é só para recrear a vista e não para utilidade publica? De que lhe serve esta extensão se o seu fundo é apenas de 1 1/2 braça (não em todos os lugares) e se na baixa-mar fica quasi toda descoberta, deixando então para vêr-se e melhor apreciar-se a immensidade de parceis que bordam o seu fundo em todos os sentidos? Tirado o estreito canal por onde sobem, não sem risco de encalhar as embarcações, o que lhe fica? Accresce ainda a tão graves inconvenientes que não é ella abrigada ; á excepção do norueste todos os demais ventos devassam e enfurecem suas turvas aguas.

Assim que, sem terreno para estender sua edificação urbana, sem bom porto para receber navios grandes, sem a possibilidade de poder, sequer, fazer-se um cães em toda a extensão da cidade para servir de desembarque, como poderá servir para capital da provincia? A muda-la do centro para a marinha, deve-se faze-lo de modo que no fim de alguns desenganos e muito dinheiro gasto inultimente, não se tenha de procurar outro lugar para sua installação. Me parece, pois, que a escolha de S. Ex. foi ainda infeliz ; por quanto

na preferencia de S. Ex. só enexrgo o enlevo dos sentimentos e não a realidade pratica das cousas. Fica, pois, liquido que Antonina não póde servir de capital da provincia, porque, qual outra Curitiba, não lhe póde garantir um futuro prospero.

Examinemos agora se Paranaguá, a cidade mais importante e commercial de toda a provincia, reúne em seu ambito os accessorios indispensaveis. Situada, como já tivemos occasião de dizer, na margem meridional da bahia, formada pelas aguas do Itararé, Embugassu etc. e as do oceano, está d'elle distante apenas 3 leguas maritimas. A população da comarca orça por 18,732 almas e a da cidade por 10,000. Com uma superficie plana maior de 3 leguas quadradas, tem o terreno preciso para a edificação de uma cidade enorme. Quantas haverão na velha Europa com tal cumprimento e largura? O quadrilatero comprehendido entre o furado, rio acima, até além da ponte do rio Embuguassu, deste em linha recta até á praia de Nossa Senhora do Rocio, e desta até o furado, offerece-nos uma superficie plana com sufficiente capacidade para accomodar largamente 900,000 habitantes. E quantos annos de vida activa não serão precisos a esta provincia para possuir esta massa populante. Sendo

ponto de partida fluvial para todo o interior, está no caso de offerecer vantajosos recursos a todas as colonias, que se crearem ás suas portas e o que mais é um mercado certõ para consumo dos generos. O commercio com o estrangeiro, se bem que apenas nascente, é real e tende diurnamente a desenvolver-se, um excellente porto, não obstante estar um pouco damnificado pelas levas de arêa, cujo canal de entrada mede 4 1/2 braças de profundidade nas marés médias e 5 1/2 nas grandes, um ancoradouro tão profundo como abrigado, muito boas casas e em quantidade, civilisação muito mais adiantada do que em qualquer outro lugar da provincia, e do que deviam comportar os escassos recursos de instrucção ao alcance de seus habitadores, uma alfandega e uma casa de capitania: que lhe falta, pois, para servir de capital? Apenas a residencia do presidente e a assistencia da thesouraria.

Qual das outras apontadas offerece mais vantajosa prespectiva de engrandecimento? A sua prosperidade e desenvolvimento, que ao presente se vai manifestando paulatinamente, se precipitaria de um modo admiravel se para ella fosse transferida a capital. E assim como Curitiba, a cidade agricola por excellencia, não póde prosperar enquanto lá estiver plantada a capital; Paranaguá só aguarda por ella em seu seio para mani-

festar sua prosperidade. Não deixaremos passar despercebida uma circumstancia pelo seu valimento e gravidade.

Mudada a capital para Paranaguá e com ella todas as repartições de fazenda, resultaria da proximidade em que ficavam umas das outras a unidade, harmonia e boa marcha nos negocios, que por ellas corressem, o que não se dá ao presente porque a isto se oppõe a grande distancia em que está a thesouraria da alfandega, as pessimas estradas, a demora dos correios. Neste caso o prejudicado é o negociante unicamente, que, além da *perda de tempo*, é desapiedadamente sangrado na bolça por procuradores ou advogados, que por via de regra são forçados a ter em Curitiba.

No caso vertente, as questões, cujas soluções pendessem da thesouraria, seriam opportunamente resolvidas mediante uma simples explicação entre os inspectores daquella repartição e o da alfandega. No caso contrario por ventura dar-se-ha esta harmonia e prêsteza de resolução? Não, porque cada duvida da thesouraria de fazenda importa 15 dias perdidos com ida e volta dos correios.

Enunciando nossos pensamentos por semelhante fórma *um só momento* não tivemos em vista offender pessoa alguma por mais de leve, que fosse. Pernambucano, desmentiríamos nossa

origem se não fallassemos a linguagem franca, que fórma a base de nosso character rude. Como brasileiro, levado pelo amor da prosperidade desta bella porção do imperio, procuramos despertar os brios dos paranaenses, provocando aos curitibanos peculiarmente a darem perante o mundo um exemplo de civismo; despertamos em seus peitos leaes o patriotismo brasílico para *servir de poderosa egide contra os embates mesquinhos do espirito de bairrismos que tudo intorpece e mata*. Imitemos o exemplo sublime, que nos legou o instituidor de nossa santa religião, mandando restituir a Cesar o que lhe pertencia. Dai unanimes á vossa primeira cidade, a Paranaguá, o que lhe falta para o rapido engrandecimento da provincia; e outra cousa não tereis feito mais que preparar o caminho do progresso para a vossa cidade, para a de Castro, para a de Antonina, para Guarapuava e Ponta-Grossa, finalmente. Só por tal sacrificio, em favor dos vossos bem entendidos interesses, conseguireis realizar verdadeiras vias de communicação, harmonia na administração, que se tornará proficua e benefica para todos.

« A arte de transmittir o pensamento, diz o Sr. tenente-coronel Beaurepaire Rohan, *se não é, como pretende Duclos, a mais difficil das artes, é certamente*

aquella que, depois do dom da palavra, melhor abona a superioridade do ente que Deos o creou á sua imagem. Facilitar ao infinito esses meios de educação, que tiram o homem do estado de embrutecimento, em que o deixa a ignorancia para restabelece-lo na posição de honra, que lhe compete, como ser privilegiado da criação, é por tanto a mais gloriosa missão daquelles que têm a seu cargo dirigir o movimento social. Uma das causas, que mais me tem satisfeito, por occasião das minhas romarias pelo interior da provincia, é o desejo de instrucção que domina a generalidade dos incolas, sem exceptuar aquelles que pertencem ás classes menos abastadas; mas, o estado de probeza, em que ordinareamente vivem, difficulta essas deslocações, á que os condemna a distancia, que os separa das escolas. » Que mais de util poderei accrescentar a este bello e verdadeiro traçado com tanta mestria pelo Sr. de Rohan?

Cem mil são os habitantes desta bella e quasi inculta provincia; destes 100,000, cerca de 30 são adolescentes. Estarão em harmonia com este crescido algarismo os meios de instrucção primaria e secundaria? Nós nos encarregamos de leva-los ao dominio do publico.

Os meios de instrucção primaria, publica ou particular, para toda a provincia, consistem em 48 escolas, sendo 30 para o sexo masculino e 18 para

o feminino. Suppondo que dous terços dos adolescentes pertencem ao sexo masculino, um ao feminino, teremos que as 48 escolas deverão contar 20,000 frequentadores, ou cerca de 501 para cada uma. Sendo um terço, que fica para o sexo feminino igual a 10.000 e as escolas 18, vem a tocar a cada uma cerca de 565 discipulas. Não será tão escasso o numero de escolas publicas e particulares para os dous sexos e tão crescido o numero de seus frequentadores? Poder-se-ha, *ainda mesmo em uma escola modelo*, ensinar convenientemente a 513 discipulos que é o termo medio entre os frequentadores de ambos os sexos? Ninguém o dirá.

Os meios de instrucção secundaria são: um lycêo em Curitiba muito pouco frequentado; uma cadeira de latim e francez na villa do Principe e outra de francez e inglez em Paranaguá. Serão sufficientes? Sobre serem demasiados apertados os limites da instrucção primaria e secundaria da provincia, á elles vem juntar-se a sua má distribuição.

Paranaguá, pelo foral de cidade maritima, mais populosa e commercial, não póde, sem grande clamor, prescindir da creação de um lycêo, cujas materias de ensino versem sobre todos os preparatorios, e além delles sobre o ensino theorico e pratico da agricultura, pilotagem e construcção naval. Não queremos dizer com isto que tudo seja levado a effeito de um só jacto, não: queremos

sim que a necessidade vá determinando a criação de cada cadeira de ensino ; porque nada ha mais ridiculo do que a pomposa criação de uma academia sem discipulos para matricularem-se em todos os seus ramos de ensino.

E como não desejamos sobrecarregar os cofres provinciaes sem uma utilidade provada, nem que se crêm cadeiras de ensino só por uma mera ostentação e com o fim unico de distribuir pingues ordenados, embolsados mensalmente no mais santo ocio, contento-me com enunciar-me pelo modo por que tenho feito.

Tornando, porém, ao assumpto, direi que ainda não vi outra provincia do imperio, em a qual tão decididamente se tenha manifestado o gosto pela vida maritima. Esta vocação innata em seus habitantes é uma prevenção feliz em abono de um futuro muito prospero e não distante ; assim os seus mais sensatos habitantes se disponham a sacrificar no altar do bem-estar da provincia o espirito de bairrismo, que á alguns domina.

A criação de um lycèu ou instituto, o nome não vem ao caso, tal como o figurei, satisfazendo as maiores exigencias do ensino theorico e pratico de toda a população da provincia, concorreria de um modo inequivoco para sua perfectibilidade, habi-

tuando seus filhos, desde a mais tenra infancia, ás rudes exigencias de uma vida laboriosa.

Ao governo provincial compete aproveitar, acariciar, acoroçoar e desenvolver este futuro viveiro da nossa ora tão insignificante marinha mercante, e da nossa tão nascente quão esmorecida e atrasada agricultura, fornecendo-lhes todos os meios de instrucção precisos para a educação dos filhos da provincia.

Os cofres provinciaes podem felizmente fazer face ao custeio de tão util e necessaria instrucção. Aos senhores deputados compete, pondo de parte as divergencias politicas quando *se trata de um beneficio, que aproveita a todos*, promoverem sua realização com diligencia, e boa vontade. E' por semelhante fórma que vos quitareis com aquelles que confiadamente vos deram um voto solemne e de honra.

A população central, convergindo toda e sempre para a sua cidade maritima, é na marinha que, de preferencia a qualquer outro ponto da provincia, se deve concentrar suas melhores instituições do ensino primario e secundario, tanto mais que a barateza extrema das casas e dos viveres favorece demasiado a esta deliberação espontanea do povo paranaense.

Curitiba, só vivendo a vida official, pois são obrigados a residirem ahi os empregados civis e mili-

tares, não pôde prestar serviços importantes senão aos filhos destes funcionarios publicos. Atirada para am lado e desviada da trajectoria dos demais pontos da provincia, é muito difficultoso aos habitantes dos pontos longinquos o aproveitarem-se da permanencia do lycêo em seu ambito; porquanto, além de todos os inconvenientes apontados, accresce o da carencia dos generos alimenticios e o seu custo fabuloso; as difficultades apparecem umas sobre outras!... Os paranaenses teriam levado ao gráo do modelo o seu lycêo ou instituto se nelle introduzissem em internato gratuito e voluntario para uns tantos nacionaes pobres, gratuito e obrigatorio ao mesmo tempo para o numero identico de filhos de colonos estrangeiros, dedicando estes *unicamente* ao estudo e pratica das materias agricolas, e aquelles aos que lhes suggerissem suas primeiras inclinações. Occupando-nos com a instrucção secundaria da provincia, concentrada em Paranguá, não aspiramos a outro fim que não o bem-estar e desenvolvimento intellectual de seus filhos. Faremos uma pequena digressão por esta cidade e nos entreteremos por um pouco com o seu porto e commercio de exportação.

A Cutinga é o lugar que serve para ancoradouro dos navios á carga e descarga. Dista do edificio da alfandega duas milhas em linha recta. É o lugar mais profundo e abrigado do porto, e onde

fundeam os navios de lotação maior de 200 toneladas. Ao presente, este unico e bom surgidouro de que dispõe a cidade de Paranagua ou antes toda a provincia do Paraná, está consideravelmente damnificado em uma parte pela agglomeração das arêas, que, tendo formado grandes bancos, mudou a corrente das aguas da margem direita para a esquerda do rio. O ancoradouro está, pois, reduzido a um simples canal de pouco mais de 80 braças de largura, com um fundo variavel de 1/2 a 5 braças nas marés médias. A permanencia de uma barca de excavação, que se occupasse com a remoção dos bancos, que conseguisse outra vez restabelecer o curso das aguas, é de tal sorte visivel, palpitante e urgente que nos abstemos de qualquer demonstração.

Aventuramos, comtudo, uma observação e vem a ser: que se esta providencia não for tomada com a urgencia que pede o caso, mesmo com o fim de obviar despezas futuras e enormes, dentro do periodo de 10 annos mais ou menos ficará a cidade Paranaguá sem porto accessivel a embarcações; por quanto, á proporção que os bancos existentes se vão desenvolvendo, outros novos como que por encanto vão surgindo da superficie das aguas. E' por semelhante modo que, o que ficava em frente do trapiche da alfandega, já tem avançado até além

da praça do mercado, uma extensão não inferior a 35 braças, de Dezembro de 1860 a Outubro de 1861. Com as grandes marés havidas a quantidade de arêa deslocada pelas correntes tem sido enorme; é só crível para quem, como nós, pôde visualmente apreciar o desenvolvimento deste phenomeno destruidor. Os canaes por onde com o auxilio das marés subiam os navios para mais perto da cidade e da alfandega estão muito menos profundos.

Ao passo que as correntes se pronunciam com mais precisão pela margem esquerda, a da direita ou da cidade vai ficando sensivelmente aterrada. E nem é para admirar que isto assim succeda, porque a convergencia da força das correntes para o lado esquerdo vai todos os dias excavando o seu leito; a inercia produzida nas aguas pelo afastamento desta mesma força, pelo que diz respeito á margem direita, dá lugar a que as camadas de arêa deslocadas possam suster-se, firmar-se e originar esta serie de bancos, que tanto mal já vai fazendo ao porto, ao commercio da cidade e finalmente á fazenda nacional.

Até aqui, só com o auxilio do preamar podiam, ainda assim supperando difficuldades, subir o canal aquellas embarcações, cujos respectivos calados não excediam a 8 palmos pouco mais ou menos; agora deixamos o trabalho de avaliar quanto tem

augmentado estas difficuldades com a remoção do leito do rio, estreitamento e aterro dos canaes, aos praticos do lugar. Estas difficuldades tornam-se insupperaveis quando as marés são pequenas, porque nem as proprias lanchas e hiates carregados podem chegar ao trapiche da alfandega, que por infelicidade está collocado sobre um dos bancos maiores; é por este motivo que em vez de ser um auxiliar poderoso daquella estação fiscal, como devia-o ser, é o seu verdadeiro estorvo.

Se não fôra receiar parecer enfadonho, passaríamos a provar a inconveniencia da collocação da alfandega no desgraçado lugar, em que está; a inconveniencia de funcionar em um acervo de ruinas, que só por milagre do equilibrio se sustenta, e mais ainda a inconveniencia de ficar entre ella e a sua ponte ou trapiche *uma rua de transito publico* ! *Passaremos, porém, em religioso silencio a historia moderna deste edificio publico.*

Sucedeu o que ha muito haviamos previsto com relação ás continuadas falsificações no fabrico da herva mate destinada para exportação ! A de qualidade superior, que ainda em Dezembro do anno passado se mantinha ao preço de 3\$600 em arroba, tem gradualmente descido até 2\$800, preço este que com demasiada difficuldade supporta. Os engenheiros de serra acima são in-

cansaveis em offerta-la aos negociantes desta praça, que vivem exclusivamente deste ramo de negocio; suas ofertas, porém, são rejeitadas pelos mesmos porque a experiencia lhes tem mostrado que o producto da venda no mercado estrangeiro não dá para fazer face ás despezas com o transporte, corretagem, commissões, guindagem etc.

- A olhos vistos tem definhado a procura deste genero; attribue-se geralmente este mal á barateza, á abundancia da herva do Paraguay, á proximidade e facilidade para conduzi-la ao mercado.

As republicas do Prata, que são o nosso mercado favorito, repugnando aceitar a nossa herva, vão dando decidida preferencia a do Paraguay para o consumo das cidades, expellindo a nossa para o da campanha, não só pela sua qualidade inferior, como pela sua conductibilidade.

Ainda assim, devido a certas circumstancias peculiares áquellas republicas, pouca tem sido a herva brasileira importada para consumo de seus camponeses. Os navios estrangeiros, que pelos mezes de Julho e Setembro demandavam o porto da cidade para receberem carregamento de herva, presentemente, sobre serem muito escassos, apenas o fazem para o Chili, que, forçoso é confessarmos, é demasiado fraco na qualidade de consumidor. O desanimo geral que grassa entre os

negociantes é pois devido, além das causas apontadas anteriormente, á barateza excessiva deste genero no mercado importador, produzida pela sua grande abundancia.

Reduzida a estas condições a unica industria agricola da provincia, o que ficará sendo ella ? Ainda não será occasião opportuna para que seus lavradores arripiem carreira ? Não será ainda tempo de cuidar com mais esmero na plantação da canna, café e algodão ? Esperarão por ventura que sejam levados ás ultimas extremidades pelo imperio das circumstancias para então verem que o fumo nasce ali expontaneamente. Se da plantação da canna e do algodão se podem colher resultados vantajosos em o periodo de 12 mezes ; outro tanto se não dá com o algodão que necessita apenas de 6 a 8 mezes para offerecer ao lavrador suas prateadas maçãs.

E' o caso de nos entretermos em pouco com os ramos de exportação da provincia ; por quanto a herva mate por si já é prejudicial por ter trazido o quasi completo esquecimento da pequena lavoura da provincia ; a madeira é prejudicialissima aos seus interesses mais vitaes porque só tem servido de desacredita-la perante o estrangeiro.

Assim que, nos mercados do Prata, quando se trata de uma obra melhor, inclue-se logo no con-

trato a clausula de que o impreiteiro não se servirá de madeiras do Paraná, sob pena de gravosas multas. Não é tudo ; no Rio de Janeiro, a excepção do taboado de canella preta, toda a demais madeira desta provincia só tem serventia para andaimes de obras !

Dir-se-hia em face destas tristes verdades, que as madeiras oriundas do Paraná são pessimas e sem nenhum prestimo ? Assim, porém, não é : as especies que povoam suas florestas são excellentes, são optimas ; a avareza é que tem tomado proporções enormes ; as especies são optimas e tão excellentes, quanto variadas ; os cortadores é que são pessimos, porque sendo brasileiros tratam de desacreditar seu paiz no estrangeiro ; porque conhecem o mal que fazem derrubando as arvores fóra das luas proprias, mas deixam-se arrastar pela cega avareza, pelo desejo desenfreado de enriquecer em pouco tempo ! E tão cegos andam que não enxergam que procedendo por semelhante fórma desacreditam-se e desacreditam a exportação provincial.

As falsificações continuadas da herva mate fizeram a infelicidade deste ramo de commercio, a avareza dos cortadores de madeira igualmente consumará o seu descredito. A que fica, pois, reduzida esta provincia sem commercio de exportação ? O que contrabalançará o valor sempre

crescente de sua exportação por cabotagem? Qual será o rendimento de sua alfandega?

Todos os terrenos de serra abaixo marginaes dos rios de categoria superior e inferior destes lugares abundam de preciosas madeiras de construção naval. Sabe-se que o commercio de madeiras para os mercados do Prata tende, ha tempos a essa parte, a tomar grandes proporções: consequentemente é a causa primitiva da não interrompida destruição das bellas florestas da provincia, que por si só e sem a minima difficuldade ou vexame podia supprir os armazaes de todos os arsenaes de marinha brasileiros de escolhidas madeiras.

Este commercio destruidor tem tomado tal feição de exageração que, por conveniencia do imperio em geral e da provincia em particular, utilisaria muito que o governo tomasse a energica resolução de prohibi-lo expresamente.

Para maior commodidade dos cortadores tem a devastação florestal sido feita á margem dos rios: se em vez de parar ella proseguir livremente, succederá que em um periodo muito proximo desaparecerá de todo o litoral estas matas virgens, que fazem o orgulho da natureza do Brasil e a admiração do estrangeiro.

Se o governo para o diante carecer de madeiras para supprimento de seus arsenaes, terá de

manda-la cortar nos sertões, onde não existem estradas ; o que não convem que succeda ; porque além da deficiencia de boas estradas para seus transportes, o seu custo, postas na *marinha*, importaria o dobro do seu valor intrinseco. De Dezembro de 1860 a Setembro de 1861 tem-se despachado para as republicas do Prata 9 navios de grande porte.

Ora, se como geralmente propala-se na cidade, as madeiras não fossem cortadas opportunamente chegaríamos aos resultados seguintes : ou o seu preço no mercado estrangeiro nãoitaria para cubrir as despesas e então convinha, mercantilmente fallando, abandonar tal genero de exportação, ou se se exportaram em 10 mezes nove carregamentos, é porque ellas na realidade adquirem no mercado a que são destinadas a devida consideração, isto é, um valor superior a todas as despesas e por conseguinte são cortadas nas luas proprias e escolhidas as suas qualidades ; é pois, este boato *adrede* propalado, não tem outro fim senão fazer baixar a pauta semanal da alfandega para que os lucros sejam mais positivos.

Indo carregar os navios ao segundo districto, ou em outros termos de a 12 e 15 leguas maritimas de distancia da alfandega, apparece o grande inconveniente de não dispor ella de meios seguros para a fiscalisação dos interesses da fazenda na-

cional. A que primeiro se deve attender, ao ancoradouro, onde estão os navios a carregar e descarregar, ou visitar diariamente um ponto isolado e tão longinquo?

Cinco são os guardas da alfandega: poder-se-ha com este limitado numero de homens fazer-se uma verdadeira fiscalisação em pontos tão afastados e tão diametralmente oppostos? Ninguem o dirá que sim. Se ao menos houvesse nesse lugar algum registro effectivo por parte da repartição fiscal, bem estava o negocio, mas não o havendo?

Não sendo obrigativo para o capitão na sua volta o descarregar as madeiras para serem verificadas e devidamente classificadas, ainda mesmo que tal mercê fosse outorgada ao inspector da alfandega, não era, segundo pensamos, elle o mais habilitado para semelhante mister; mesmo que a essa vistoria assistisse o capitão do porto. Podendo ser um distincto e bravo marinheiro, queremos crer que não disponha de mais habilitações do que o inspector da alfandega para conhecer das qualidades das madeiras; já se vê pois que por este lado toda a fiscalisação é materialmente impossivel.

Assim pois, havendo um meio seguro para precaver da fraude os interesses peculiares da nação; porque, além de tudo, o guarda, que acompanha o navio ao segundo districto para assistir ao carregamento, menos ainda que o inspector da alfan-

dega e o capitão do porto lhe fallece todos os conhecimentos praticos para classificar as madeiras e evitar as modificações, forçoso é aceitar, *bona fide*, a factura exhibida pelo capitão ou consignatario do navio e confronta-la com a lista do guarda para verificar se o numero de pés ou as duzias de taboas estão exactas.

Se a inspectoría de alfandega tivesse a faculdade de dispor do prestimo de algum carpinteiro intelligente... não desapareceriam tantos inconvenientes; não seria esse nomeado o homem idoneo para impedir que a fazenda nacional fosse defraudada?

Tornemos ao assumpto: serão as facturas exhibidas verdadeiramente? Quero presumir que sim; por que as firmas commerciaes exportadoras são incapazes de fraude. Dar-se-ha, porém, as mesmas attenuantes quando se trata dos fornecedores de madeira? Não serão os negociantes assim como as autoridades fiscaes illudidos por elles? Inclina-mo nos a creditar que sim; e para diante fundamentaremos essa presumpção.

As madeiras de lei no Paraná são conhecidas debaixo de denominações muito diversas das consignadas na circular do ministerio da marinha de 5 de Fevereiro de 1858; e tendo nomes differentes daquellas, cujo corte é expressamente prohibido, não obstante serem as especies as mesmas,

ahi está o caso de serem ellas cortadas e exportadas ; ahi está o contrabando realizado com todas as apparencias da legalidade ; ahi está finalmente o caso de serem todos desde o capitão do navio até o guarda illudidos sem desejarem sê-lo.

Os fornecedores que de ordinario são homens do mato, tanto como os selvagens conhecem as especies, que no mercado estrangeiro dão muito, por conseguinte com uma mudança de nome *apenas*, abrigam-se á sombra da lei e fazem o contrabando que denominam—*contrabando licito*.

Não pretendemos injuriar a pessoa alguma, não fazemos a mais insignificante allusão; raciocinamos e demonstramos com a pratica *que mesmo ao abrigo da lei ha quem trafique*. Quotidianamente se repetem estes e outros casos identicos; e o unico remedio possivel para afasta-los, é desde já prohibir-se o córte de madeiras, ao menos em quanto o governo geral não mandar uma commissão de profissionaes estudar, classificar, e particularizar cada uma das especies.

Demos a entender que as mesmas madeiras são conhecidas debaixo de denominações differentes segundo as provincias, ou antes os lugares, em que estão collocadas ; e não foi sem fundamento que o fizemos : não avançamos nunca uma proposição, que não possamos prova-la ; é por este

poderoso motivo que vamos exemplificar: o putumigy do Pará é no Paraná conhecido pelo nome araribá etc. Não seria pois, uma medida muito salutar para todas as provincias do imperio a designação de commissões profissionaes, parciaes ou geraes, para devassar as florestas de seus litoraes, classificar as especies e faze-las conhecidas já pelo seu nome scientifico, já pelos seus innumerables appellidos? Parece-nos que este serviço seria de uma importancia transcendente para as nossas marinhas mercantil e de guerra.

Accresce que, definitivamente prohibido o corte e exportação de madeiros, teria o governo por esta sábia e prudente medida restituído á lavoura centenares de braços, que não se occupam de alguma outra industria.

Os muitos engenhos de serrar, que existem na provincia, transformar-se-hiam em outros tantos de moer canna, de descascar o algodão, debulhar o milho, etc., etc.

Não seria este resultado a realidade da beneficencia para a lavoura da provincia já tão empobrecida?

Teriamos deixado de cumprir o nosso dever se, tratando da diversidade das especies de madeiras de construcção, não as indicasse e levasse por essa fórma a apreciação do respeitavel publico a lista abaixo:

São oriundos dos terrenos elevados a canella, a peroba, oleos, páo do vigario, guarubas, couvis, cedro, araribá, sassafras, guaraiuvas.

São indigenas das planicies, e guanandy, orucurana e massaranduba.

Pode-se empregar com grande felicidade na construção dos vasos de guerra pela seguinte fórma as especies abaixo :

A canella para braços, cavernas forros, trincheiras, etc.

O araribá para tudo quanto concernir a construcção naval.

A peroba para cavernas, braços, quilha, mastros, vergas, retrancas e costado.

A orucurana e laudio pode-se empregar com felicidade na factura de cavernas, vergas, retrancas, caranguejas e reparos para artilharia.

A massaranduba, guarabás, quararioba, páo do vigario e sassafras para a construcção de lanchões, escaleres de guerra, trincheiras, reparos, de artilharia, carros de munição, etc.

A esta já tão crescida nomenclatura vão juntar-se mais, o guanandy, carvalho, o arapacu, o páo de arco (ipé) o linho resinoso e o cedro vermelho, cujo emprego na construcção naval varia ao infinito.

Estas especies, cuja utilidade salta aos olhos não estão comprehendidas na especificação das da

circular do ministerio da marinha de 5 de Fevereiro de 1858; não seria conveniente que o governo mandasse estudar desde já por homens profissionais, e em quanto os não designasse, não seria de grande utilidade impedir a continuação de suas derribadas?

Mapa dos edifícios da cidade de Curitiba, capital da provincia do Paraná.

<i>N. das ruas.</i>	<i>Nomes das ruas.</i>	<i>Casas promptas.</i>	<i>Ditas principudas.</i>	<i>Sobrados.</i>
1	Entrada	11	9	2
2	Commercio	9	9	—
3	Flôres.	40	18	5
4	Assembléa	26	9	—
5	Alegre	8	1	—
6	Cadêa.	9	—	—
7	S. Francisco.	8	—	—
8	Rosario	16	2	—
9	Fechada	15	3	—
10	Nogueira.	3	1	—
11	Fogo	32	6	—
12	Direita	22	6	—
13	Carioca	22	9	—
14	Nova do Saldanha.	3	16	—
15	Travessa do quartel de policia	—	—	2
16	Dita do Lycêo	—	—	—
17	Dita da rua Fechada	—	—	—
18	Dita da rua da Assembléa.	—	—	—
19	Dita do Rosario.	1	—	—
27	Dita da Matriz	1	—	—
21	Praça da Matriz.	43	2	—
22	Largo da Ponte.	4	4	—
23	Largo de S. Francisco.	5	5	—
24	Largo da rua Fechada.	4	—	1
25	Becco do Inferno	—	1	—
Total.		282	101	10

N. B. Ha ainda a travessa da ordem terceira de

S. Francisco, onde só existem muros, cercas e terrenos. Todas as repartições publicas permanecem em casas particulares. No numero dos sobrados vão 7 mirantes. As poucas calçadas das ruas são más ; principia-se as substitui-las pelo systema de calçamento de aterro nos centros das ruas. Nos suburbios da cidade existem algumas chacaras, e uma pequena ponto do Belém.

OBSERVAÇÕES.

Rua n. 1. Nesta rua existem o quartel do corpo fixo e o da companhia de cavallaria, sendo aquelle um dos sobrados, em cuja esquina acha-se um lampeão; tambem nota-se o palacio e secretaria do governo e um pequeno sobrado.

Rua n. 2. Nesta rua existem o quartel da policia, 2 fontes e 1 meia-agua.

Rua n. 3. Existem as casas em que acham-se as repartições da policia, que é um sobrado, e das terras e 1 lampeão no hotel.

Rua n. 4. Existem 2 bons estabelecimentos publicos: lycêo e assembléa, tendo aquelle uma soffrivel bibliotheca, a thesouraria e 1 meia-agua.

Rua n. 8. Existe uma casa em ruinas.

Rua n. 9. O theatro particular entra no numero das casas desta rua.

Rua n. 11. Existem o correio geral, e a collectoria.

No numero das casas da rua n. 12 entra o hospital da Misericordia que é propria.

Rua n. 13. Um chafariz em obra.

Travessas n. 15 Estes sobrados são em miniatura.

Travessa n. 16. Existem os alicerces para praça do mercado.

Travessa n. 17 Uma mangueira para recolher animaes.

Travessa n. 18. Os alicerces para a casa da camara.

Travessa n. 19. Uma meia agua.

Praça n. 21. Das casas principiadas uma é sobrado, existe a cadêa que representa por sua vez um sobrado (é edificio publico), tem 2 lampeões e a igreja matriz em obras, porém já decente internamente e com um relógio na torre direita e 1 para-raios.

Largo n. 22. Existem dous muros que formam os limites do leito do rio Ivo, e duas pontes de pranchões e tambem 1 lampeão no hotel.

Largo n. 23. Existem duas igrejas, uma em completo abandono e outra, com o seu para-raios, totalmente arruinado e uma meia-agua.

Largo n. 24. Existe uma igreja toda desmantelada e uma pequena fonte.

Becco n. 25. Ahi se encontra uma meia-agua.

AOS NOSSOS ASSIGNANTES.



A *Bibliotheca Brasileira* termina com este numero o seu primeiro anno de existencia. Para publicações deste genero completar um anno de vida é ter percorrido, neste paiz, um largo periodo. Lisongeamo-nos com este resultado e affaga-nos a esperança de melhor futuro. O favor publico anima-nos a lutar por mais algum tempo com as contrariedades de toda a ordem que costumam assediá emprezas semelhantes.

Não nos constituiremos juiz do merito das obras publicadas. O nosso interesse e o nosso reconhecimento pelos autores que se dignaram responder ao apello que lhes fizemos torna-nos forçosamente parciaes. Temos comtudo a vaidade de suppor que a nossa idéa não foi infructifera, nem o nosso esforço baldado. A litteratura nacional enriqueceu-se com thesouros novos. E se destes nem todos podem as-

pirar á honrosa categoria de obras escoimadas de defeitos, não é menos verdade que as producções offerecidas ao publico pela *Bibliotheca Brasileira* estão em harmonia proporcional com o lento desenvolvimento das letras nacionaes.

Mesmo nas litteraturas mais adiantadas não são communs as boas obras. A humilde *Bibliotheca Brasileira* não aspirava tão pouco á grande honra de constituir-se o repertorio das obras primas. Ella contentou-se, e contenta-se, com abrir ás timidias e modestas revelações do talento nacional o horisonte ainda limitado do seu pequeno numero de leitores.

Comtudo é chegada a occasiãc de reconhecermos e de confessarmos um erro de circumstancia. Foi uma illusão ou uma irreflexão dar á *Bibliotheca Brasileira* a proporção e as fórmias de que se revestio. A variedade dos paladares resentio-se com razão de certa monotonia que caracterisou, e caracteriza, as obras especiaes cujas tendencias inclinam-se mais á applicação do raciocinio do que á excitação da sensibilidade moral e da imaginação do leitor.

O romance é sem duvida alguma mais do gosto do maior numero, mas é exactamente o genero litterario nacional que mais morosamente se tem desenvolvido. Não era razoavel esperar-se e, muito menos exigir-se que em uma publicação mensal de 150 a 200 paginas correspondesse sempre a cada

numero um tomo de romance. Não somos ainda tão ricos dessa moeda que a possamos baratear.

Para que a idéa não perdesse o cunho que devia ter, força era que producções de outro genero, mais aridas talvez, mas não por isso menos uteis, achassem na *Bibliotheca Brasileira* favoravel acolhimento.

Mas, a experiencia e a observação dessa tendencia do publico não ficará desaproveitada por nós. No intuito de corresponder melhor á confiança e ao auxilio que nos prestou o publico, vamos tentar um melhoramento á custa de um sacrificio. que esperamos seja compensado.

Ampliaremos as proporções da nossa empresa. A' semelhança de outras que podem servir de modelo, vamos abrir um quadro mais vasto, transformando a *Bibliotheca Brasileira* em uma revista mensal cujo horisonte abranja todas as justas e variadas exigencias do gosto publico.

O formato que até aqui usámos será por nós conservado para todas as obras complexas, que pretenderem uma publicação avulsa.

Mas, como era natural, a nova idéa, tinha de vestir uma fórmula tambem nova. E desejando quanto em nós caiba melhorar as proprias condições materiaes da nossa empresa temos a esperanza de apresentar o primeiro numero da nossa revista em melhor typo e em melhor papel.

Ainda uma consideração. O editor da *Bibliotheca* pôde apreciar por si mesmo quanto foi grata aos assignantes a encetada publicação do bello romance intitulado *Minas de Prata*.

Circumstancias alheias á previsão da empreza fizeram com que dessa interessante obra só vissem a luz os dous primeiros volumes.

A interrupção causou desgosto. Não é impossivel até que houvesse quem emprestasse ao editor da *Bibliotheca* uma intenção menos pura a proposito dessa promessa não realizada.

Pois bem, para corresponder dignamente a uma e outra das duas expectativas, a *Bibliotheca Brasileira* toma aqui o compromisso de satisfazer brevemente os assignantes que se dignarem continuar a auxiliar-nos, publicando os dous volumes que faltam para completar o romance.

Crêmos ingenuamente, talvez, que o editor da *Bibliotheca Brasileira* cumprio o seu dever.

Continue elle a achar no publico o favor com que foi recebido, e a sua idéa progredirá e lançará raizes.

Rio de Janeiro de 1863